

## 6

### BIBLIOGRAFIA

- Livros:

ADERALDO, M. S. **História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada**. Fortaleza: Programa Editorial da Casa de José de Alencar, 1998;

ALBUQUERQUE JR., D. M. de. “Por searas diversas, os diversos cearás”. In: SOUZA, S. de (org.). **Uma nova história do Ceará**. 3ª ed. Ver. E atual. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004;

ALENCAR, J. de. **Iracema**. São Paulo: Ed. da USP, 1979;

BADARÓ, G. C. **De cama, mesa e banho**: uma etnografia de rendas e bordados do enxoval da casa brasileira. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ (Dissertação de Mestrado), 2000;

BANCO DO NORDESTE. **Ações para o desenvolvimento do artesanato do Nordeste/ Banco do Nordeste**. 2ª Edição – Fortaleza: Banco do Nordeste, 2002;

BARBOSA, I. C. “Entre a barbárie e a civilização: o lugar do sertão na literatura”. In: SOUZA, S. de (org.). **Uma nova história do Ceará**. 3ª ed. Ver. E atual. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004;

BARROSO, E. N. **Curso design, identidade cultural e artesanato**. Fortaleza: SEBRAE/FIEC, 2002;

BARTHES, R. “A semântica do objeto”. In: **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001;

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994;

BRAGA, I. M. S. **Bordado de Itapajé**: tradição e modernidade. Fortaleza: UFC/CCA/DED (Monografia de graduação), 2004.

BRAUDEL, F. “Civilização material e capitalismo”. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998;

BRIEUVES, M. de. **O bordado**: história do bordado através dos tempos e dos paizes. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro-Editor, 1908;

BURKE, P. **Hibridismo cultural**. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinus, 2003;

\_\_\_\_\_. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002;

CABRAL, F. G. S. “Patrimônio cultural e desenvolvimento nacional – O potencial dos bens de natureza imaterial”. In: LAGES, V.; BRAGA, C.; MORELLI, G. (Orgs). **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Brasília, DF: SEBRAE, 2004;

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Heloísa Pezza Cintrão. 2ª. ed. São Paulo: EDUSP, 1998;

\_\_\_\_\_. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983;

CARVALHO, G. de. (org.) **Artes da tradição: mestres do povo**. Fotos de Francisco Sousa. Fortaleza: Expressão Gráfica / Laboratório de Estudos da Oralidade UFC/UECE, 2005;

\_\_\_\_\_. **Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003;

CORRÊA, R. de O. **Design e artesanato: uma reflexão sobre as intervenções realizadas na costa do descobrimento**. Curitiba: CEFET-PR (Dissertação de mestrado em Tecnologia), 2003;

DIAS, C. da C. “**A tradição nossa é essa, é fazer panela preta**”. Produção material, identidade e transformações sociais entre as artesãs de Goiabeiras – Vitória do Espírito Santo. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ (Dissertação de Mestrado), 1999;

DONDIS, A. D. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997 – (Coleção a);

DORMER, P. **The meanings of modern design: towards the twenty-first century**. London: Thames and Hudson, 1991, p. 142 - 169;

FILGUEIRAS, A. P. A. **Aspectos socioeconômicos do artesanato em comunidades rurais no Ceará – O bordado de Itapajé/CE**. Fortaleza: UFC (Dissertação de Mestrado em Economia Rural), 2005;

FLEURY, C. A. E. **Renda de bilro, renda da terra, renda do Ceará: a expressão artística de um povo**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT, 2002;

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2002;

FRADE, I. N. “A conceituação das formas contemporâneas de artesanato: o ‘neo-artesanato’”. In: **Dinâmicas multiculturais, novas faces, outros olhares**. Actas das sessões temáticas do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1994;

GEERTZ, C. “A arte como sistema cultural”. In: **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997;

\_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989;

GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002;

HALL, S. “Pensando a diáspora – reflexões sobre a terra no exterior”. In: **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003;

HOBSBAWM, E. e RANGER, T. **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardin Cavalcanti, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997;

**INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS**. Manual de aplicação. Brasília: IPHAN/Ministério da Cultura, 2000;

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papyrus, 1990;

LAGES, V.; BRAGA, C.; MORELLI, G. (Orgs). **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Brasília, DF: SEBRAE, 2004;

LARAIA, R. de B. **Cultura. Um conceito antropológico**. 16ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2003;

LE GOFF, J. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998;

LÉVI-STRAUSS, L. “Patrimônio imaterial e diversidade cultural: o novo decreto para a proteção dos bens imateriais”. In: **REVISTA TEMPO BRASILEIRO**, out. – dez. – número 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001;

LONDRES, C. “Introdução”. In: **REVISTA TEMPO BRASILEIRO**, out. – dez. – número 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001;

LOUSADA, É. **Cronologia do artesanato em Itapajé**. Itapajé: Prefeitura Municipal de Itapajé, 2002;

MACHADO, J. P. **Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Nova Confluência, s.d;

MAGALHÃES, A. **E Triunfo ?**: a questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Fundação Roberto Marinho, 1997;

MAGALHÃES, M. M. C. **A bordadeira**. Lisboa: SNI, s.d.

MEDEIROS, R. “Signos e representações: apontamentos sobre um estudo da imagem”. In: **Anais do 6º Encontro de Mestrado em História da Arte**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 1999;

- MOLES, A. **Teoria dos objetos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981;
- MORAES, A. “Design: arte, artesanato, ciência, tecnologia? O fetichismo da mercadoria versus o usuário / trabalhador”. In: COUTO, R. M. de S. e OLIVEIRA, A. J. de. **Formas do design**: por uma metodologia interdisciplinar. Rio de Janeiro: 2AB / PUC - Rio, 1999, p. 156 - 191;
- PEREIRA, J. C. da C. **Artesanato – Definições e evolução**. Ação do Mtb – PNDA. Brasília: Ministério do Trabalho / Secretaria Gera – Coleção XI, 1979;
- PINHEIRO, F. J. “Mundos em confronto: povos nativos e europeus na disputa pelo território”. In: SOUZA, S. de (org.). **Uma nova história do Ceará**. 3ª ed. Ver. E atual. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004;
- PORDEUS JR., I. de A. “Cearensidade”. In: CARVALHO, G. de. (org.). **Bonito pra chover**: ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003;
- PORTO ALEGRE, M. S. “Esboço de Iracema: o índio e a cultura brasileira”. In: CARVALHO, G. de. (org.). **Bonito pra chover**: ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003;
- \_\_\_\_\_. **Mãos de mestre**: itinerários da arte e tradição. São Paulo: Maltese, 1994;
- PRICE, S. “Objetos de arte e artefatos etnográficos”. In: **Arte primitiva em centros civilizados**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000;
- PROGRAMA DE REVITALIZAÇÃO DO ARTESANATO DE ITAPAJÉ – PRA-ITA**. Itapajé: Prefeitura Municipal de Itapajé, 2003. Folder de apresentação;
- REVISTA TEMPO BRASILEIRO**, out. – dez. n. 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001;
- RIBEIRO, B. G. et al. **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE-Instituto Nacional do Folclore, 1983;
- RIBEIRO, J. U. **Ainda morro disso**. Jornal O GLOBO. Caderno Opinião. Rio de Janeiro: 2005;
- SANT’ANNA, M. “Patrimônio imaterial: do conceito ao problema da proteção”. In: **REVISTA TEMPO BRASILEIRO**, out. – dez. – número 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001;
- SCHWETTER, B. **Enciclopédia de trabalhos manuais**: fios, bordados e tecidos. Porto Alegre: Edição da Livraria o Globo, 1944;
- SILVA, F. C. B. e. **Estudo da cidade**. Itapajé: Secretaria Municipal de Educação, 2003;

\_\_\_\_\_. **Sob as vistas do monge lendário. Itapajé 2000 – Um guia para conhecer melhor nosso município.** Fortaleza: Mauro Morais, 2000;

SINGER SEWING MACHINE COMPANY. **Livro brasileiro de bordados Singer.** S/l: s/e, 1947;

SOARES, L. G. **Encontro Produção de artesanato popular e identidade cultural.** Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1983.

SOUZA, S. de (org.). **Uma nova história do Ceará.** 3ª ed. Ver. E atual. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004;

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994;

VIVES, V. de. “A beleza do cotidiano”. In: RIBEIRO, Berta et al. **O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1983.

- Entrevistas não publicadas

BRANDÃO, Rosa Maria de Andrade. Entrevista concedida a Madson Luis Gomes de Oliveira. Itapajé, jan./2005 e jan./2006;

MATOS, Francisco Gomes. Entrevista concedida a Madson Luis Gomes de Oliveira. Itapajé, jan./2005 e jan./2006;

MATOS, Maria Eronildes Gomes. Entrevista concedida a Madson Luis Gomes de Oliveira. Itapajé, jan./2004, jan./2005 e jan./2006;

MATOS, Sandra Gomes. Entrevista concedida a Madson Luis Gomes de Oliveira. Itapajé, jan./2005 e jan./2006;

MATOS, Natália Gomes. Entrevista concedida a Madson Luis Gomes de Oliveira. Itapajé, jan./2005 e jan./2006;

SOUZA, Francisca Rodrigues de. Entrevista concedida a Madson Luis Gomes de Oliveira. Itapajé, jan./2004 e jan./2005;

LOUSADA, Ésio. Entrevista concedida a Madson Luis Gomes de Oliveira. Itapajé, jan./2005 e jan./2006.

- Site

Música “A linha e o linho”. Disponível em <http://www.cifras.com.br/cifra/idmusica/2821/keyb//tom/0/vs/1.htm>. Acesso em 22 abr. 2006.

## 7.1

**ANEXO 01- Diário de viagem (jul./ 2004)**

Após o primeiro contato com a Prof<sup>a</sup>. Denise Portinari, do Laboratório da Representação Sensível (Departamento de Artes e Design / PUC-Rj), ficou acertada a visita a algumas comunidades artesanais no interior do estado do Ceará, a fim de investigar os grupos a serem pesquisados para o anteprojeto de seleção ao Mestrado desta instituição.

Aproveitando o período de férias no mês de julho de 2004, programei uma viagem à Fortaleza para visitar minha família, parentes e amigos. A viagem foi marcada para o dia 09 de julho, às 9:45 h com previsão de chegada ao destino, às 14:00 h, onde fui recebido por minha irmã e minha sobrinha. Achei melhor descansar o restante do dia e somente fazer contatos telefônicos a partir do dia seguinte, 10 de julho.

10/07/2004 Sábado

O primeiro telefonema foi para a Prof<sup>a</sup>. Germana Fontenelle, ex-coordenadora do Curso de Estilismo e Moda da Universidade Federal do Ceará – UFC. Ela continua a ministrar aulas junto ao curso da UFC, bem como a coordenação de um novo curso de moda realizado na Faculdade Marista. Acertamos um encontro para o dia 13/07/2004.

O segundo telefonema levou-me a um saudoso diálogo com a Prof<sup>a</sup>. Maria de Jesus Medeiros. Atualmente, ela desenvolve a dissertação de mestrado na área de administração e marketing, mas no período de sua especialização manteve contatos com algumas rendeiras situadas em uma praia próxima à capital, Prainha, onde iniciou uma pesquisa sobre o “fazer artesanal” de algumas senhoras moradoras daquele lugarejo.

A localidade de Prainha foi uma das participantes do Projeto da Malharia Marles, em 2002. Demonstrei interesse em acompanhá-la em sua próxima visita, quando iria finalizar o trabalho através de registros fotográficos e entrevistas aos sujeitos selecionados para sua pesquisa: as rendeiras de bilros. Devido a problemas na agenda de compromissos dela, marcamos e remarcamos algumas vezes a curta viagem e, finalmente, ficou acertado que iríamos à manhã do dia 21/07/2004 (quarta-feira).

11/07/2004 Domingo

Marquei um encontro com a Prof<sup>a</sup>. Maria de Jesus por volta das 16h00min, a fim de atualizarmos as notícias, projetos pessoais e profissionais (sempre houve uma admiração mútua, entre nós).

Maria de Jesus passou por minha casa e fomos ao Centro de Arte e Cultura Dragão do Mar. A conversa foi bastante diversificada abordando todos os nossos projetos, desde o nosso último encontro (há um ano atrás). Finalmente, Maria de Jesus falou-me de seu trabalho junto às artesãs da Prainha. Ela me atualizou sobre a situação daquelas artesãs e explicou-me o foco de sua pesquisa: diagnosticar o “fazer artesanal” da renda de bilros, em amostragem selecionada para o estudo, bem como me atualizou dos trabalhos similares desenvolvidos, atualmente. Falou-me de suas primeiras conclusões revelando que a atividade é repassada de geração para geração sem modificações ou atualizações que mereçam destaque quanto aos

padrões executados. Depois de algumas horas, deixou-me em casa e nos despedimos prometendo um novo encontro.

12/07/2004 Segunda-feira

Este dia foi destinado a rever alguns parentes e amigos não dedicando atenção à pesquisa em questão.

13/07/2004 Terça-feira

Às 14h00min fui ao encontro da Prof<sup>ª</sup>. Germana Fontenelle, no prédio do Curso de Estilismo / UFC, para também me atualizar frente aos projetos em andamento. Após os cumprimentos iniciais, a professora orientou-me sobre os grupos de artesãos que eu poderia visitar, além da Prainha. Comunicou-me que a Prof<sup>ª</sup>. Araguacy Paixão estava fazendo visitas a três grupos de bordadeiras situadas no município de Itapajé, onde está desenvolvendo uma série de entrevistas para sua dissertação de mestrado: “Impactos socioeconômicos do artesanato em comunidades rurais no Ceará – O caso da comunidade de Itapajé/CE”. A abordagem da mestranda vislumbra a área de Economia Rural, desenvolvida no Departamento de Economia Agrícola, da UFC.

O referido projeto prevê uma metodologia que pretende coletar dados quantitativos e qualitativos para posterior análise sobre os impactos causados pela implantação do Projeto de Revitalização do Artesanato de Itapajé – PRA-ITA, promovido pela prefeitura daquela localidade, em conjunto com a Secretaria de Ação Social da atual administração municipal.

Imediatamente, entrei em contato com a Prof<sup>ª</sup>. Araguacy Paixão e ela informou-me que viajaria no dia seguinte (14/07/2004), às 06h00min, a fim de completar o preenchimento dos questionários para posterior tabulação dos dados. Ofereci-me para acompanhá-la e ela sugeriu a minha ida a Itapajé somente na quinta-feira, dia 15/07/2004.

14/07/2004 Quarta-feira

Este dia foi dedicado à visita de um amigo, Fábio Coelho, e sua mãe D. Solange Coelho. Portanto não há nada a acrescentar ao projeto de pesquisa.

15/07/2004 Quinta-feira

Acordei muito cedo, às 05h00min e fui à Rodoviária principal de Fortaleza. Comprei uma passagem com destino a Itapajé, no horário das 06h00min, pela Empresa de Transportes Rodoviários Expresso Guanabara. Embarquei, pontualmente, no horário acima indicado. Em todo o percurso da viagem (que duraria, aproximadamente, duas horas e meia), reli trechos do livro: “Renda de Bilros, renda da terra, renda do Ceará: A expressão artística de um povo”, resultado da dissertação de Mestrado, em História da Arte, de Catherine Fleury, feito no Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Quando percebi, estava chegando ao município de Itapajé, distante 124 km da cidade de Fortaleza. Prof<sup>ª</sup>. Araguacy Paixão estava me esperando na Estação Rodoviária de Itapajé, juntamente com Iara Braga e Cristóvão Gordim (o rapaz que serviu de motorista para deslocamento às bordadeiras e mais tarde ao retorno à capital).

Iara Braga é filha do atual prefeito de Itapajé e recém-formada no Curso de Estilismo da UFC. Desenvolveu uma monografia submetida à UFC como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Estilismo e Moda, intitulada: “Bordado: Tradição e Modernidade – O bordado entre o convencional do manual, frente à inserção no mercado de massa”.

A mãe de Iara Braga, Maria Luiza Mesquita da Silva Braga, é a atual Secretária de Educação e Cultura de Itapajé e mantém uma boa relação com as bordadeiras da região no município e nos distritos vizinhos a Itapajé. Por este motivo, em 2002, promoveu um projeto de revitalização do artesanato local (Itapajé), a fim de melhorar a situação de desvantagem enfrentada pela grande maioria da população de baixa renda de Itapajé.

Como atividade inicial, contratou a Prof<sup>a</sup>. Germana Fontenelle, para um diagnóstico da situação do artesanato produzido naquele município (forma, cores, motivos, distribuição, custos, motivação, relação com os compradores, ...). Percebeu-se a necessidade, principalmente, de motivação e capacitação especializada para o desenvolvimento de bordados com maior qualidade técnica e diversidade do que vinha sendo produzido até então.

Junto à Secretaria de Ação Social, na pessoa do sociólogo Ésio Louzada, foi contratada uma arte-educadora do Rio de Janeiro, Prof<sup>a</sup>. Maria Sônia, para treinamento de duas facilitadoras do processo de revitalização do “fazer artesanal”. As selecionadas para o acompanhamento das artesãs foram Iara Braga (pela proximidade e interesse no município de Itapajé) e Virgínia Viana (participante do Projeto da Malharia Marles, como assistente da coordenação no Ceará, em 2002).

Minha visita a Itapajé possibilitou o contato direto com a comunidade de Barateiro, bairro periférico de Itapajé, situado às margens da BR 222, distante 1 km do centro da sede do município.

Após minha chegada à Rodoviária, fomos diretamente à casa de D. Francisca Rodrigues, 47 anos, casada, mãe de três filhos: um rapaz (que não estava em casa) e mais duas filhas. As filhas: uma menina de 13 anos e Nágila Maria R. da Silva, 17 anos, estudante do 2º ano Científico, esporadicamente auxilia a mãe nos trabalhos de bordados. Como Nágila da Silva não tem interesse em dar continuidade ao trabalho artesanal da mãe, faz somente o trabalho de acabamento como recorte de bordados, corte dos tecidos nos tamanhos indicados pela mãe e etc.

Em depoimento, D. Francisca Rodrigues afirma: “Como diz o ditado – Comeu do meu pirão prova do meu cinturão”, explicando que enquanto os filhos dependem financeiramente dos pais, tem que fazer o que eles pedem, mesmo sem gostar, ao referir-se à ajuda exigida aos filhos no processo de confecção dos bordados, como fonte geradora de recursos para manutenção da família.

Conversamos bastante e ela me informou que a atividade que desenvolve foi iniciada aos 8 anos de idade, ensinada pela mãe que teve mais 11 filhos e precisava produzir o artesanato para o sustento da família. Com o tempo ela passou a gostar e se dedicar à prática do bordado, tanto manual (mais valorizado e mais trabalhoso) quanto à máquina (ponto cheio, crivo, ponto Ajour e richelieu).

Na comunidade de Barateiro, a planta escolhida para o desenvolvimento de um novo motivo foi a flor do flamboiã, pela abundância e pelo colorido que varia do amarelo ao vermelho, segundo a artesã D. Francisca Rodrigues.

D Francisca declara “Nós temos uma cooperativa [...] é a COOPARTI (COOPERATIVA DOS ARTESÃOS DE ITAPAJÉ), que cuida da venda das

coisas que produzimos [...] e uma lojinha que fica ali na beira da estrada [...] as artesãs da COOPARTI levam seus trabalhos para vender e sempre tem alguém que toma de conta e paga as nossas peças”.

A implantação da nova maneira de tratar o artesanato trouxe algumas melhorias para a vida das pessoas desta comunidade, primeiro pela a aceitação dos compradores, e depois pelo novo estímulo na atividade do bordado que elas passaram a retirar em suas próprias vidas: “Agora não é mais preciso copiar e recopiar os motivos e riscos antigos. Podemos também criar motivos do nosso dia a dia”, revela D. Maria Eronildes G. Matos.

A segunda artesã a ser entrevistada foi D. Eronildes, 54 anos. Sua especialidade é o bordado em ponto cheio, feito manualmente. Sua mãe, Raimunda Pinho de Mesquita, teve 14 filhos e tinha muitas dificuldades para criar e sustentar sua família. Incentivou D. Eronildes, desde os 7 anos de idade, à prática do artesanato, iniciando-a a bordar mesmo sem saber fazê-lo. Naquela época, a pequena menina já era uma curiosa em aprender a bordar e desenvolvia, sem muitos problemas, produtos de cama e mesa (decoração) que posteriormente eram trocados por matérias-primas (tecidos e linhas) em dobro para produzir mais bordados (prática comum ainda hoje).

Atualmente, D. Eronildes trabalha com dois filhos (uma mulher casada, seu genro e o segundo filho). A família se divide em todas as fases do artesanato: desenham, riscam, bordam, lavam, engomam, recortam e distribuem seus produtos. Percebe-se que o fator hereditário se faz presente no desenvolvimento desta atividade. D. Eronildes possui duas netas e, com muito orgulho, apresentou-me a mais velha que, com 7 anos de idade, já iniciou os primeiros passos nos bordados, praticados por seus ancestrais.

A idéia inicial de que a atividade do bordado não é uma prática exclusivamente feminina é comprovada pela presença e atividade dos homens da família em alguma fase do processo. Parece que a união dos membros de uma família (inclusive os homens) faz-se necessária, frente à falta de oportunidades no desenvolvimento de outras atividades, como a agropastoril, comumente exercidas há algumas décadas, pelos membros masculinos das famílias rurais.

A família de D. Eronildes exemplifica esta nova mentalidade em todas as etapas de confecção dos bordados. Entrevistei o segundo filho de D. Eronildes, Francisco, 28 anos e ele me falou de seu desejo de se inserir na principal atividade geradora de renda da família, tanto pelo valor econômico versus trabalho braçal, quanto pelo prazer em admirar os produtos que a família produz. O desejo consciente de identificação através de seus bordados serve como assinatura que os distingue dos demais artesãos. Ele revelou-me não querer exercer as mesmas atividades que seus avós e tios exerceram no passado (plantação de gêneros alimentícios e criação de rebanhos para o sustento da família).

Ao sair da casa de D. Eronildes fui encaminhado ao ponto de venda dos trabalhos situado às margens da Rodovia BR 222, logo na entrada da cidade de Itapajé. A lojinha, que hoje é responsável pela venda direta dos artesanatos produzidos no bairro de Barateiro, era antes uma barraca de lanches. Com a ajuda da Prefeitura, da Secretaria da Ação Social e colhendo os bons resultados das vendas da primeira coleção lançada em feiras locais e em outros estados tornou possível a locação deste ponto para reunir os trabalhos desenvolvidos por aquela comunidade.

No pequeno espaço de aproximadamente 4m<sup>2</sup>, expõem-se os produtos de todas as artesãs que participaram do PRA-ITA. Há uma outra ação responsável

pela distribuição/venda dos produtos. A Central de Artesanato fica localizada no centro da cidade de Itapajé. Um corretor de vendas se encarrega de reunir e levar até à Central, compradores da capital (Fortaleza) e turistas para promover a venda dos produtos produzidos pelos participantes do PRA-ITA. As artesãs levam suas peças, colocam os preços (tabelados) e acrescentam uma cota de 15% para provisão de fundos que facilitarão os próximos empreendimentos do grupo, como viagens às feiras intermunicipais, interestaduais, bem como à comissão destinada ao corretor das vendas.

No ponto de vendas do Barateiro há um revezamento de artesãs para mantê-lo sempre aberto e funcionando. No momento de minha visita, encontrei D. Rosa Maria de Andrade Brandão (mais conhecida por D. Mocinha), 48 anos, casada e mãe de três filhos. Contou que sua mãe deu a luz a 14 filhos e todos moravam numa localidade denominada Serras, distrito de Itapajé. Teve que deixar a família para morar com uma tia na cidade de Itapajé, para ter uma melhor criação, pois poderia estudar e aprender alguma atividade geradora de renda para sua família.

Aos 10 anos de idade, D. Mocinha começou o seu processo de aprendizagem no bordado com a tia que, a exemplo de outras senhoras da localidade, exerceu o papel de mestre nesta nova fase de sua vida. Ela me disse que tinha curiosidade em apreender, pois “achava muito bonito o que as mãos da tia conseguiam fazer com um pedaço de pano, uma agulha e algumas linhas”. Desta forma, ela poderia garantir alguns trocados que a auxiliaria no lanche da escola, bem como na compra de roupas e sapatos.

D. Mocinha desenvolve até hoje a atividade do bordado manual e incentivou sua filha, de 20 anos, a praticar a arte com os fios que perpassam os tecidos de linho e algodão. A diferença mais relevante das novas gerações é a utilização da máquina de costura elétrica para o bordado (em várias técnicas) por ter uma maior produtividade, em menos tempo.

Tanto a mãe quanto a filha participaram do PRA-ITA e desenvolveram uma maior consciência quanto ao “saber local” daquela região. O trabalho, atualmente, tem recolocado o bordado de Itapajé em nível de concorrência com outros municípios no que se refere à qualidade técnica, o envolvimento da comunidade consciente de seu novo poderio para o desenvolvimento do município e das próprias famílias participantes da experiência.

Expliquei a minha curiosidade pela forma de trabalho daquelas artesãs e os motivos que me levaram ao contato direto com elas: desenvolver um estudo mais apurado da atividade artesanal, no tocante à criação de novos motivos (desenhos), e motivações (memória afetiva / emoção) dentro de um projeto de Pós-Graduação, no Rio de Janeiro. Adverti ainda, que este estudo privilegiava também um retorno às minhas origens, como cidadão cearense que está ausente da realidade de seus conterrâneos. Falei também da possibilidade de identificação, durante a pesquisa, de pontos a serem implementados ao projeto PRA-ITA, através da orientação do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Design, da PUC-Rj.

Depois da visita à loja de artesanato do Barateiro, despedi-me das artesãs prometendo retornar para me aprofundar melhor nas questões que envolvem o cotidiano daquela gente. Iara levou-me ao comércio central de Itapajé, mais precisamente a uma loja chamada REVELARTE, de sua propriedade em sociedade com uma amiga. Pude observar alguns trabalhos em blusas, bolsas, peças de decoração onde são aplicados bordados manuais com cenas do cotidiano das bordadeiras. São verdadeiras narrativas em forma de bordados: ordenamento

de vacas para extração do leite; casarios da localidade; pessoas dançando em uma festa (Forró); etc. Tudo isto em representação simples, quase *Naif* (no sentido de ingenuidade na representação dos desenhos), em blusas de malha com modelagens e cores modernas destinadas a um público urbano. Pareceu-me causar um efeito similar aos consumidores que compram camisetas com mensagens explícitas identificadoras de uma tribo ou público específico.

A loja REVELARTE foi a última unidade visitada neste dia. Logo em seguida fomos almoçar num restaurante, na saída da cidade e retornamos de carro para Fortaleza. Tive a oportunidade de conversar com a Prof<sup>a</sup>. Araguacy Paixão e Iara Braga sobre os estudos que as mesmas estavam desenvolvendo junto às comunidades artesãs de Itapajé. Acredito que o foco principal de cada uma abordou questões diferentes, até mesmo pela linha de pesquisa que cada uma seguiu. Araguacy privilegiou a atividade socioeconômica no tocante à medição do índice de qualidade de vida das artesãs participantes do PRA-ITA. Iara, por sua vez, descreveu o processo de implantação do PRA-ITA, enfocando a gestão dos mentores do projeto: o Prefeito (seu pai) e a Secretária de Educação e Cultura (sua mãe).

Avaliando, superficialmente, o que foi relatado observa-se que o Projeto PRA-ITA surgiu depois de um primeiro contato da Malharia Marles com o grupo de bordadeiras de Itapajé. Verificou-se a necessidade de um estímulo às artesãs, para inserí-las como responsáveis pela criação de um novo produto com características do seu “fazer artesanal”, mas com todo um cuidado técnico capaz de despertar o interesse tanto de novos clientes quanto também de pessoas da comunidade e da própria família para o desenvolvimento efetivo na confecção de “bordados assinados” ou “com assinatura” que os distinguissem e os identificassem dos demais artesãos cearenses, e por que não dizer dos demais brasileiros.

Conseguí uma cópia do Projeto de Mestrado da Prof<sup>a</sup>. Araguacy, bem como uma cópia do questionário aplicado por ela às artesãs selecionadas para sua amostragem. Iara Braga, por sua vez, forneceu-me uma cópia de sua monografia de graduação, além de alguns livros e manuais sobre Itapajé, e sobre o artesanato de uma forma geral.

Todo o processo de entrevistas e da incursão à Itapajé foi registrado através de fotografias (numa câmara digital) que estão em anexo. Desde a compra do bilhete de embarque até a visita da loja REVELARTE com sua coleção de camisetas bordadas com temas do cotidiano dos itapajeenses. Segui, muito intuitivamente, o modelo proposto por Catherine Fleury, para sua dissertação de Mestrado (já citado anteriormente).

O próximo encontro com a outra pesquisadora, Prof<sup>a</sup>. Maria de Jesus, marcado para o dia 21/07/2004 (quarta-feira), quando poderei visitar Prainha em sua companhia, pretendendo também visitar a coleção de rendas Luiza Ramos, no Museu Arthur Ramos, que fica localizado em Messejana, junto à Casa de José de Alencar.

16/07/2004 – Sexta-feira

De posse no material adquirido na viagem a Itapajé, passei a ler o conteúdo dos seguintes livros:

- SILVA, Francisco Carlos Bezerra e. **Sob as vistas do monge lendário** – Itapajé 2000 / Um guia para conhecer melhor nosso município. Fortaleza: Mauro Morais, 2000;

- \_\_\_\_\_ (org.). **Antologia do nosso sertão**. Itapajé: Secretaria Municipal de Educação, 2003.

Os dois livros acima descrevem o município de Itapajé, de forma bem detalhada. O primeiro, traz dados geográficos, históricos e sociais (último senso/1991). O segundo, apresenta poesias de um grupo formado na Escola Municipal Zeca Paraíba para o Projeto “Convivendo de bem no Semi-Árido”. Estes livros servem de instrumento para compreender melhor os meios que os itapajeenses vivem e sua eterna dicotomia: inverno/verão; abundância/escassez; verde/cinza; umidade/aridez; sol/chuva, tentando romper com a monotonia da pobreza secular, da relação sádica com a natureza e com a cegueira intelectual que os impede de ver a luz.

17/07/2004 – Sábado

Continuei a leitura de dois livros também fornecidos por Iara Braga, utilizados em sua monografia:

- ALEGRE, Sylvia Porto. **Mãos de mestre**: itinerários da arte e tradição. São Paulo: Maltese, 1994.

Este livro refere-se à pesquisa desta professora / Antropóloga da UFC, como tese de doutoramento realizada na USP, voltada para o artesanato cearense e as culturas populares.

- PEREIRA, José Carlos da C. **Artesanato – Definições e evolução**. Ação do MTb – PNDA. Brasília: Ministério do Trabalho / Secretaria Geral – Coleção XI, 1979.

O Professor Costa Pereira reuniu, neste volume, profundos conceitos e uma ampla análise histórica referente ao artesanato, resultado de sua cultura e a longa experiência no trato das coisas no setor. Juntou uma adequada visão do momento em que viveu (final dos anos 70), o artesanato brasileiro e as perspectivas que tem face à criação do Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato.

18/07/2004 – Domingo

Dei continuidade à leitura, desta vez com relação aos Manuais que recebi de Iara Braga, a seguir:

- BARROSO, Eduardo N. **Curso Design, identidade cultural e artesanato**. Fortaleza: SEBRAE / FIEC, 2002 (módulos 1 e 2).

Escritos utilizados pelo professor ao ministrar o curso (com título idêntico aos manuais) com definições e especificações / classificações sobre o artesanato, de forma geral e suas implicações face aos programas de revitalização por Programas Governamentais.

19/07/2004 Segunda-feira

Iniciei esta nova semana providenciando as cópias do material (referencial teórico sobre artesanato) e passei a organizar e a digitar este diário de viagem. Fui a um espaço de aluguel de computadores e em uma loja de xérox para gravar em CD as informações colhidas até então, bem como as fotos da viagem de Itapajé.

Telefonei para Iara Braga, a fim de devolver os livros e manuais originais emprestados a mim por ela, em sua residência.

Encaminhei-me ao prédio do Curso de Estilismo / UFC para solicitar os registros (cópia) de fundação dos cursos de Economia Doméstica e Estilismo e Moda, como fonte de pesquisa para o desenvolvimento de uma monografia para o

Curso de Especialização em Ensino da Arte, feito na Universidade Veiga de Almeida/UVA, no Rio de Janeiro.

20/07/2004 Terça-feira

Às 14h00min dirigi-me ao Curso de Estilismo / Faculdades Maristas, para um novo encontro com a Professora Germana Fontenelle. Relatei toda a visita ao grupo de bordadeiras de Itapajé, mostrei-lhe as fotos e discutimos a possibilidade de visitarmos juntos, um grupo de bordadeiras residentes em Maranguape (região metropolitana de Fortaleza), para a próxima semana. Neste encontro, a professora me entregou uma cópia do “Diagnóstico qualitativo do bordado de Itapajé / Ceará”, realizado por ela como ponto de partida ao trabalho de revitalização promovido por aquele município.

21/07/2004 Quarta-feira

Acordei cedo, por volta das 06h30min e fui ao encontro da Prof<sup>ª</sup>. Maria de Jesus. Combinamos apanhar um ônibus intermunicipal no Terminal Rodoviário Domingos Olympio, da Empresa São Benedito, para visitarmos a Associação das Rendeiras da Prainha.

Prainha fica distante de Fortaleza, aproximadamente, 70 km e é distrito do município de Aquiraz (já foi um grande produtor de couro, no século XIX, sendo considerada a capital do Ceará, naquela época).

Conseguimos embarcar às 08h40min e chegamos ao destino por volta de 09h30min. O ponto final da viagem fica na Praça D. Luiza Távora (nome dado em homenagem à ex-primeira dama do estado, na década de 80). Neste local, vimos como é feita a organização e distribuição do espaço para as rendeiras que são cadastradas na Associação: 07 quiosques, construídos em alvenaria e telhado com piso de cimento bruto abrigam, em torno de 50 rendeiras que expõem seus trabalhos e fazem do local seu espaço de produção e comercialização das peças.

A renda de bilros da Prainha é feita com linhas de algodão, principalmente brancas e cruas. A partir do ano de 2000, foi introduzida uma variação das linhas com cores fortes, proposta por um grupo de estilistas de Fortaleza. Desde então, outras cores, matizes e combinações foram experimentados. A almofada é, geralmente, grande (aproximadamente 60 cm de largura por 40 cm de altura) confeccionada como uma espécie de rolo com enchimento de palha e recoberta com tecido estampado (chitão). Nela, é afixado o papelão (desenho da renda, riscado em papel *craft*) com espinhos de mandacaru (planta abundante da região semi-árida do Nordeste), substituindo os alfinetes por onde as linhas passam. Os bilros são parecidos com cachimbos, onde as linhas são enroladas. Os cabos dos bilros são feitos com uma espécie de palitos (provenientes da fruta do ubaia) que são introduzidos em caroços de sementes verdes do buriti (outro fruto local), para dar peso à peça e facilitar o seu manuseio.

Reencontrei a artesã D. Helena Caetana Ferreira, 53 anos, casada, mãe de três mulheres e um rapaz. Filha de rendeira da localidade, D. Helena me contou que sua mãe teve mais três filhos e que o seu interesse pela renda se deu aos 6 anos de idade, na “arte” da renda de bilros. Achava bonito o que a mãe produzia e “brincava de fazer renda” utilizando-se de um côco verde (como almofada). Enfiava os talos da palha de coqueiro (simulando os espinhos) e com o fio que desfiava da rede que tinha em casa (em substituição das linhas) construía a renda imaginária e “de brincadeira”.

Depois de muita insistência em fazer a renda, sua mãe, D. Maria do Carmo Carvalho, presenteou-a com uma pequena almofada e D. Helena deu seus primeiros passos no sentido de se profissionalizar no ofício das rendas de bilros. Ela não conhece os registros históricos sobre a origem das rendas, somente possui a memória oral, que desperta o interesse de pessoas que vem de lugares longínquos a fim de registrar a arte que sai das mãos destas rendeiras.

Só percebi depois de nossa chegada que, uma das viajantes de nosso ônibus, na realidade, era uma norte-americana, de Kansas/EUA, chamada Lucy Braney, que desenvolve um Projeto de Mestrado pelo Programa de Estudos Latino-americano, no Arizona. A permanência da estrangeira é de pouco mais de um mês (chegou em 25/06/2004 e retornará em 08/08/2004), em terras cearenses.

Ela (que fala, fluentemente, o português, pois é oriunda do Curso de Letras com habilitação em Espanhol) revelou-me que foi indicada a procurar a Associação das Rendeiras da Prainha, por uma professora de sociologia da UFC. Esta já era a segunda visita que fazia às rendeiras e “estava encantada por aquela arte”.

Conversei, ainda, com a artesã D. Maria Pereira da Silva, 58 anos, casada pela segunda vez e mãe de dois filhos adotivos, pois não pode ter filhos naturais, já que tem “útero infantil”.

Ela iniciou-se na prática da renda de bilros aos 7 anos de idade e, hoje, orgulha-se de “riscar” os “papelões” para ela própria fazer sua renda, assim como para as outras rendeiras que não sabem como fazê-lo. Ela me disse: “Crio motivos novos a todo instante, um pouco de repente, mas sempre acerto no que os clientes querem comprar”, referindo-se ao processo de “criação” e atualização dos padrões encontrados nos quiosques de venda. “É preciso estar mudando sempre... Os clientes querem o novo e nós também. Demoramos, mais ou menos, uns dezoito dias para fazer uma regata. Quando termina a gente quer fazer outro padrão”, explicou a artesã.

Neste momento, eu questioneei quanto rendia a atividade da renda de bilros, em um mês. A artesã, com minha ajuda, chegou a quantia de R\$ 50,00 (Cinqüenta reais), tomando por base uma camiseta que demora 18 dias (com oito horas de trabalho diário) e tem custo de, aproximadamente, R\$ 6,00 (Seis reais) referentes a duas meadas de linhas coloridas. Quando não é necessário pagar pelo risco-papelão ainda é melhor do que repassar para o Centro de Artesanato D. Luiza Távora / CEART, que fica em Fortaleza. Esta entidade faz repasse da venda para o consumidor final, pagando às rendeiras em torno de R\$ 15,00 (Quinze reais, em consignação), enquanto elas vendem na Prainha por R\$ 25,00 (Vinte e cinco reais), a mesma regata que serviu de base para o cálculo.

Percebe-se, em primeiro lugar, que a situação de sobrevivência deste grupo é bastante precário, quase miserável. Mesmo assim, elas revelam que a atividade é prazerosa e que só sabem fazer rendas. Revelam, ainda, que há tempos atrás a situação era pior. Elas tinham que “fazer a renda, colocar em uma caixa e sair em busca de clientes”, pois a Prainha ainda não havia recebido a ajuda de D. Luiza Távora, ao criar a praça e a Associação das Rendeiras. Em segundo lugar, o cálculo do valor de seus produtos e de seu trabalho é feito de forma intuitiva, sem nenhum tipo de assessoria financeira, nem apoio logístico. E ainda, o distrito da Prainha deixou de configurar no circuito turístico das praias, por falta de interesse político pela localidade.

Nosso encontro com este grupo de rendeiras foi facilitado tanto pelo contato anteriormente feito pela Prof<sup>a</sup>. Maria de Jesus, como pela participação de

algumas rendeiras no Projeto da Malharia Marles, em 2002. Levei comigo um exemplar do livro que registrou o encontro dos estilistas e artesãs naquela ocasião. A experiência do Projeto Marles – 30 Anos incentivou a procura de estilistas locais e de outros países na aplicação do artesanato à moda, mas parece que o grupo ainda não está organizado o suficiente para corresponder às expectativas do mercado que, ao contrário desta atividade manual, requer qualidade técnica e agilidade produtiva.

Por volta das 15h00min, nos despedimos calorosamente, prometendo voltar, almoçamos e depois retornamos à Fortaleza, novamente tomando um ônibus da Empresa São Benedito. Conseguimos chegar à capital às 17h30min, com os dados a serem transcritos e as fotografias que registramos do encontro com a Associação das Rendeiras da Prainha, em anexo.

22/07/2004 Quinta-feira

Este dia foi destinado à digitação do relatório (viagem à Prainha) e à edição das fotos. Fiz uma cópia do material, a pedido da Prof<sup>a</sup>. Maria de Jesus, para anexar ao trabalho final de sua especialização: “Artesanato de renda de bilros: tessitura de práticas coletivas”, como forma de registro.

23/07/2004 Sexta-feira

Destinei este dia às atividades de lazer junto à família, levando meus sobrinhos ao cinema e fazendo uma visita a uma prima, Carla Regina de Oliveira e seu recém-nascido Gabriel.

24/07/2004 Sábado

Por volta das 17h00min, a Prof<sup>a</sup>. Maria de Jesus passou por minha casa para irmos à Feira de Artesanatos do CEART. No entanto, neste dia o CEART não funcionou por conta de uma grande obra que dá acesso aquele centro de artesanato.

Resolvemos visitar a Feira de Artesanatos da Beira-Mar, onde encontramos diversas tipologias de artesanato – desde bordados e rendas até produtos de gêneros alimentícios regionais e esculturas em madeira.

Esta feira é um tradicional local turístico, onde os visitantes procuram produtos (lembrancinhas) com valores acessíveis à grande diversidade de público. O local da feira fica na orla principal de Fortaleza, mais conhecida como Volta da Jurema. Neste local, alguns dos principais hotéis e prédios residenciais ocupam uma extensa faixa de loteamento imobiliário.

As pequenas barracas ocupam a faixa de areia da praia, numa área preparada para a instalação da feira, pela Prefeitura de Fortaleza. A montagem começa por volta das 17h00min e permanece até, aproximadamente às 23h00min. Os produtos são expostos de forma amontoadas, pois os comerciantes acreditam que “a variedade enche os olhos dos clientes”.

As peças mais comuns expostas na orla de Fortaleza são de decoração (cama e mesa, principalmente) e vestuário. Em sua maioria, a exposição é feita em cabides metálicos e, raramente, em manequins de resina. Os gêneros alimentícios (castanhas, rapaduras, farinha, etc.) e bebidas (aguardentes aromáticas, empalhadas, temáticas, com mel, etc.) são misturados às demais barracas. Há ainda, uma outra categoria artesanal, os produtos derivados de couro: sapatos, sandálias, cintos, bolsas e chapéus, além de talhas de madeira e bonequinhas de tecido.

Observei, na maioria das barracas, a presença dos mesmos motivos em bordados e nas rendas, repetidas vezes. Bordados em ponto cheio (à máquina) com motivos florais e moranguinhos; bordado richelieu utilizado como peça de vestuário e/ou decoração (em sua grande maioria na cor branca); rendas (filé, de bilros, renascença, labirinto) dividem-se em padrões brancos /crus (maioria) e coloridos (nas mais variadas combinações).

Os trabalhos artesanais são provenientes, em sua maioria, do interior do estado do Ceará. Os comerciantes costumam visitar as comunidades para comprar suas mercadorias, encarregando-se do transporte e da revenda. Em alguns casos, os comerciantes têm vínculos de parentesco com os artesãos dando continuidade à cadeia produtiva.

É interessante salientar que percebi a presença de vendedores ambulantes coreanos oferecendo produtos importados (pirateados), como falsificações de tênis da marca NIKE, bem como bolsas com a grife LOUIS VUITTON. Estes estrangeiros tentam aproveitar o grande fluxo de pessoas que visitam a Volta da Jurema, destoando da grande maioria dos trabalhos artesanais.

25/07/2004 Domingo

Não há nada a acrescentar ao projeto de pesquisa, pois neste dia visitei um amigo, Jorge Boulanger e sua família.

26/07/2004 Segunda-feira

No período da manhã, fui a dois outros pontos de comercialização de produtos artesanais e de visitação turística: a EMCETUR e o Mercado Central. O Centro de Turismo – EMCETUR – fica no centro de Fortaleza, ao lado da Estação Ferroviária. O prédio já foi utilizado como cadeia pública, no século XIX e, hoje, abriga pequenas lojas e quiosques com a mesma diversidade de produtos artesanais encontrados na Volta da Jurema.

Conversei com alguns lojistas e eles me informaram que as empresas de turismo são as grandes responsáveis pelo interesse dos turistas em visitar este ponto que serve de visitação “obrigatória” aos visitantes que por aqui passam.

Verifiquei a presença de pequenos objetos feitos de forma artesanal, com o propósito de servirem como *souvenirs*, como chaveiros em formatos de frutos típicos do Ceará, pequenas jangadas feitas com palha de buriti, vidros com areia colorida inspirados em paisagens do litoral cearense.

Do lado de fora de uma loja que vendia artesanato – de vestuário e decoração (rendas, bordados, tecidos pintados) – entrevistei um artista que preenchia vidros (copos, garrafas) com areia colorida, Sr. Francisco. Ele me informou que tem “grande satisfação e prazer em ser admirado por sua arte”. Disse-me que seu “fazer” é uma arte que passa de geração para geração e que aprendeu a fazer suas pequenas narrativas em forma de desenho quando ainda era criança, ensinado pelo pai, na praia de Beberibe, onde morava. Atualmente, aos 35 anos, divide o espaço na loja da EMCETUR com sua mãe que é a proprietária, onde expõe seus trabalhos há 18 anos.

A maioria do artesanato da EMCETUR é adquirido pelos comerciantes através dos próprios artesãos que os procuram vindos de suas comunidades, oferecendo seus bordados, rendas, produtos de decoração, periodicamente. Geralmente, uma artesã reúne os trabalhos de uma determinada localidade e leva à capital para oferecer aos lojistas.

O segundo local visitado neste dia foi o Mercado Central. Neste grande espaço de quatro pavimentos encontram-se todos os itens já descritos anteriormente, além de artefatos indígenas, lanchonetes e pequenos restaurantes.

Atualmente, o Mercado Central fica localizado em frente ao Forte de Nossa Senhora da Assunção e ao lado da Igreja da Sé (Catedral de Fortaleza). Possui uma boa infra-estrutura para os lojistas e para os turistas: caixas eletrônicos dos principais bancos, segurança, praça de alimentação, estacionamento, além de localização central e de fácil acesso.

A disposição dos produtos é bastante confusa, pois não há uma setorização por categoria de produtos. Vendem-se, lado a lado, vestidos infantis e produtos alimentícios; redes e batas bordadas; toalhas de mesa e cestaria / produtos de palha. Enfim, uma organização (ou desorganização) que não dá conta da diversidade de produtos ali comercializados. Isto pode confundir os visitantes que procuram comprar produtos específicos. No entanto, a diversificação do Mercado Central acaba por contemplar um maior número de artesãos e a comercialização de seus produtos, das diversas regiões do estado do Ceará.

27/07/2004 Terça-feira

Na parte da manhã fui a Seta Informática, loja de digitação, no Shopping Benfica, para correção de erros de ortografia e para edição das fotos digitais capturadas das feiras da Volta da Jurema, EMCETUR e Mercado Central.

À tarde, eu e minha irmã visitamos uma prima, Cláudia Valéria, que veio passar férias em Fortaleza junto com seu marido e a pequena Clara, depois de um ano e meio residindo na Alemanha.

28/07/2004 Quarta-feira

Por volta das 15h00min, a Professora Germana Fontenelle passou por minha casa para irmos visitar uma pequena comunidade de bordadeiras (à máquina) que fica localizada em um distrito da cidade de Maranguape, Tabatinga.

Maranguape é uma cidade distante, aproximadamente, 25 km de Fortaleza e é conhecida pelos trabalhos artesanais desenvolvidos na cidade, em diversas tipologias: bordado à máquina, tecelagem manual, redes, etc. É conhecida, também, como cidade natal do humorista Chico Anysio.

Em Tabatinga, distante 10 km do centro da cidade de Maranguape, visitamos D. Maria do Carmo. A casa dela, atualmente é bem grande, dividida em dois pavimentos. O atelier de bordados ocupa o andar de cima. Lá, encontramos quatro mulheres (além de D. Maria do Carmo) que trabalham diretamente com bordados.

D. Maria do Carmo tem 52 anos, é separada “há, pelo menos, 20 anos” e se considera casada com seu trabalho. Começou ainda criança a bordar pequenas peças, a mão, ensinada por sua mãe. Com o passar do tempo, tornou-se bordadeira profissional e, desde que casou, sustenta os filhos com a remuneração de seu trabalho.

Atualmente, distribui as encomendas que pega para bordar, com mais 35 bordadeiras que trabalham em suas próprias casas e prestam conta do serviço, aos sábados, quando recebem o pagamento pelo trabalho. Sente-se orgulhosa por ajudar a prover o sustento dessas famílias.

D. Maria do Carmo participou do Projeto da Malharia Marles, em 2002, quando desenvolveu bordados em richelieu (feitos na malha) para a estilista Marúzia Fernandes. Também fez peças-piloto para o estilista Lino Villaventura,

há alguns anos. E, “até setembro do ano passado”, dava conta de uma produção de 3.000 calças para duas indústrias de confecções locais: Lélia Costa e Via Direta. Clientes que “acompanhou desde o início de suas atividades, há 15 anos”. Costuma ainda receber encomendas de enxoval de noivas de famílias cearenses, bem como de outros estados. E tem produção já acertada para duas lojas de decoração situadas nos melhores shoppings da cidade de Fortaleza.

Pode-se considerar o trabalho de D. Maria do Carmo e suas bordadeiras como semi-artesanal, já que se utiliza da máquina de costura (elétrica, doméstica ou industrial) para fazer os bordados. Com o crescente número de máquinas computadorizadas de bordar, seu trabalho tem adquirido status de artesanal, pois o processo envolve etapas como desenvolvimento do padrão (quase sempre floral) e adequação ao tamanho da peça final; risco (transposição do desenho em papel para o tecido); bordado propriamente dito; lavagem (para retirar a tinta do risco); engomagem; embalagem e distribuição.

A criação dos padrões se dá, quase sempre, pela cópia ou adaptação de outros bordados em recortes de revistas, peças vindas de outras regiões e, raramente, do imaginário das bordadeiras. O processo de risco prevê a perfuração do desenho feito em papel vegetal; colocação deste molde em cima do tecido a ser bordado; decalque do desenho por intermédio da tinta xadrez que, misturada ao querosene, passa pelos furinhos deixados no papel vegetal para, em seguida, ser bordado. Quando o bordado exige, há, ainda, uma fase intermediária: o recorte, vazando algumas partes.

Pudemos conversar o suficiente para ter idéia do poder das narrativas que o trabalho coletivo destas senhoras parece ter. Quase sempre, elas conversam sobre suas vidas, seus antepassados, suas experiências enquanto trabalham. Compara-se a uma terapia em grupo e elas revelaram-me não querer fazer outra coisa que não “o bordado delas”.

As condições de trabalho me pareceram relativamente boas, sem considerar o fator ergonomia que este tipo de atividade costuma provocar pela quantidade de horas em que permanecem sentadas, em alguns casos, fumando e se alimentando irregularmente, de acordo com a demanda do serviço.

## REFERÊNCIAS DAS FOTOS (Diário de viagem jul./2004).

01	Totem indicativo na entrada do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.
02	Expresso Guanabara – Rodoviária principal de Fortaleza.
03	D. Francisca Rodrigues, recortando o bordado, em sua casa – Itapajé-CE.
04	Detalhe do recorte de bordado.
05	Risco no tecido, antes do bordado.
06	Bordado richelieu (à máquina), antes de recortar.
07	Profª. Araguacy Paixão, entrevistando artesã, para sua dissertação de mestrado.
08	D. Eronildes mostrando o avesso de seu bordado (à mão).
09	Bordados estendidos em varais (secando).
10	Genro de D. Eronildes bordando à máquina.
11	Filha de D. Eronildes bordando à máquina.
12	Filho de D. Eronildes passando a peça bordada, depois da engomagem.
13	Ponto cheio, antes do PRA-ITA, com o padrão tradicional (moranguinhos).
14	Ponto cheio, depois do PRA-ITA, com o novo padrão (flamboiã).
15	Bordado richelieu, depois do PRA-ITA, com novo padrão (flamboiã).
16	Ponto de vendas das bordadeiras de Barateiro, às margens da rodovia BR 222.
17	Terminal Rodoviário Domingos Olympio (ônibus com destino à Prainha).
18	Pedra fundamental da Praça D. Luiza Távora – Prainha-CE.
19	Um dos 07 quiosques que abrigam as rendeiras da Prainha.
20	Almofadão com papelão já riscado, pronto para iniciar a renda de bilros.
21	Camiseta regata (frente) em renda de bilros, em processo de confecção.
22	D. Helena Caetana, iniciando um novo trabalho em renda de bilros.
23	Lucy Braney entrevistando uma rendeira – Prainha/CE.
24	D. Maria Pereira da Silva fazendo renda, sentada no chão – Prainha/CE.
25	Meadas de linhas coloridas (matéria-prima) para fazer a renda de bilros.
26	Espinhos de mandacaru.
27	Bilro, propriamente dito.
28	Barraca de gêneros alimentícios e bebidas regionais – Volta da Jurema – Fortaleza/CE.
29	Barraca de bordados – Volta da Jurema – Fortaleza/CE.
30	Vista externa do prédio da EMCETUR (antiga cadeia de Fortaleza).
31	Cartaz indicando os dias de funcionamento da EMCETUR.
32	Artesanato exposto nos corredores da EMCETUR – Fortaleza/CE.
33	Sr. Francisco, artesão de areia colorida – EMCETUR – Fortaleza/CE.
34	Vista panorâmica do Mercado Central – Fortaleza/CE.
35	Vista interna das passarelas que separam os pavimentos do Mercado Central – Fortaleza/CE.
36	Box de alimentos vizinhos aos boxes de confecção e produtos em palha – Mercado Central – Fortaleza/CE.
37	Diversidade de artesanatos expostos – Mercado Central – Fortaleza/CE.
38	D. Maria do Carmo, artesã bordando à máquina – Tabatinga/CE.
39	Detalhe de bordado em forma de arabesco encomendado por italianos.
40	Amostra de bordado richelieu, feito por D. Maria do Carmo.
41	Revistas especializadas em bordados, de onde são retirados os motivos copiados pelo atelier de D. Maria do Carmo.



01



02



03



04



05



06



07



08



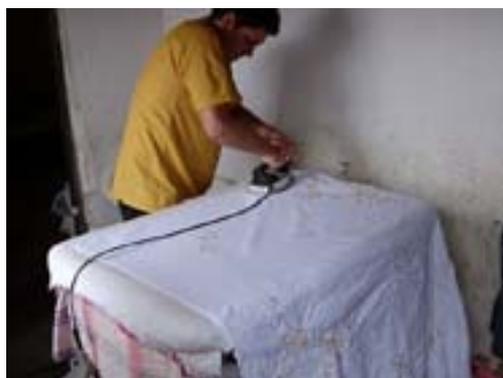
09



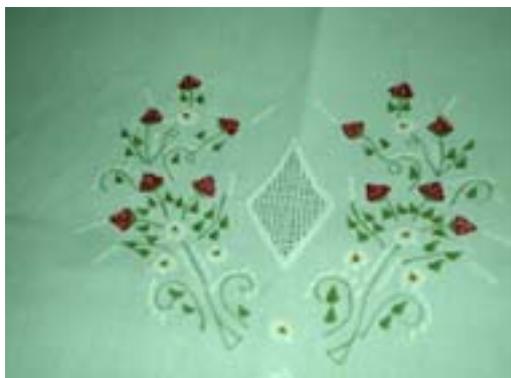
10



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



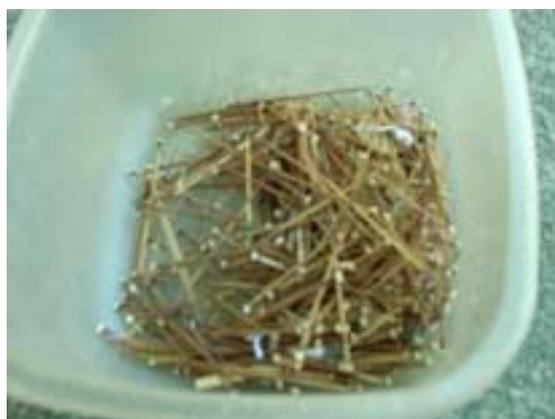
23



24



25



26



27



28



29



30



31



32



33



34



35



36



37



38



39



40



41

## 7.2

**ANEXO 02 - Depoimentos colhidos na residência de D. Eronildes (jan./2005 e jan. /2006).**

Os depoimentos na residência de D. Eronildes estão fragmentados devido a um problema técnico no gravador, somente percebido durante a transcrição, a seguir:

- Madson – Quais são todas as etapas de produção dos bordados?
- Francisco – Primeiro, tem que comprar a matéria-prima (o linho e a linha)... Aí, você corta, conforme a quantidade, a metragem... eu sei tudo...
- Madson – Mas, você tem de escolher primeiro a peça... se é caminho de mesa, se é toalha...
- Francisco – Eu sei fazer caminho, bandeja, toalha... Ai, o processo, como te falei... comprar o linho e a linha, corto pra fazer os tamanhos das peças, depois eu risco...
- Madson – Tu próprio risca? Já tem o risco no papel vegetal?
- Francisco – Tenho os riscos que minha mãe faz... passo pra o tecido usando querosene e tinta, assim desse jeito aqui... [mostra um risco feito por ele]... Depois de riscado, eu bordo... Depois de bordado, eu mando pra bordadeira pra fazer o acabamento... terminação, eu acho que se fala... o pessoal do interior mesmo que faz...
- Madson – O que é? O cordão?
- Francisco – É o cordão... o crivo... o ponto Ajour...
- Madson – E vocês não fazem aqui não?
- Francisco – Não, mas pra ficar mais bonito, mando fazer na mão... é tipo artesanato mesmo...
- Madson – E tua mãe não faz? À mão?
- Francisco – Mas não dá conta não... e muita coisa...
- Madson – Ai tu paga outra pessoa para fazer este tipo de trabalho?
- Francisco – Isso... eu faço só o bordado cheio... o crivo e o acabamento é feito fora... em outro lugar... tem um miolo [mostra o bordado], que eu não faço... é outra pessoa que faz... porque é na mão... na máquina fica mais grosseiro...
- Madson – Quando o bordado volta, você ainda faz mais algum bordado?
- Francisco – O processo é simples... Faço o cordão, depois vem a lavagem no sal azedo que é pra tirar isto aqui [mostra o bordado lavado]... depois da lavagem, bota no grude..., ai vem o engomado..., depois do engomado vem a picotagem... que é recortar a sobra do linho...
- Madson – E as outras fases? Embalagem?
- Francisco – Isso é mole... só faço colocar nos sacos...
- Madson – Não coloca etiqueta?
- Francisco – Não... eu não participo do processo do PRA-ITA, faço os bordados e repasso pra minha mãe... ela é que coloca o restante... ela que é bordadeira do PRA-ITA... pra mim, não precisa não... Quando quero vender diretamente, telefono pro cara do Mercado Central e pergunto se ele quer, ai levo lá e pronto, entrego... Simples... o processo é simples...
- Madson – A distribuição...
- Francisco – É assim, como estou te falando...

- Madson – E porque tu não participa do PRA-ITA?
- Francisco – Eu sou independente, né? Sei lá...
- Madson – Sei lá, como? Você não tem vontade? Não acha que o grupo melhorou?
- Francisco – Melhorou, sim... Eu não acompanho bem não...
- Madson – Você era de fora... morava em outro lugar... você já havia me falado...
- Francisco – Morei em Brasília....

Neste momento D. Eronildes traz um prato de comida para que eu almoce junto deles...

- D. Eronildes – Não leve em conta... é simples comida... minha filha fez um franguinho cozido... Você pode almoçar agora... você está em casa...

Francisco retoma sua fala:

- Francisco – Passei um ano em Brasília... mas não levo em conta não...
- Madson – Você foi pra lá por quê?
- Francisco – Fui morar com uma tia... Eu vendia bordado lá... Minha mãe manda os bordados e eu vendia...
- Madson – Você chegou a trabalhar na agricultura?
- Francisco – Quando eu era menino, eu ajudava meu pai...
- Madson – Teu pai ainda é vivo?
- Francisco – Não...
- D. Eronildes – Faz 14 anos que ele morreu... Mas ele trabalhava na agricultura...
- Francisco – Mas, quando fui crescendo, vi que o bordado era fonte de renda, né? Ai comecei a trabalhar com o bordado... Se é de ficar o dia todo no sol... plantando... é melhor ficar na sombra... bordando... Com o bordado, nós não enrica não, fica bem de vida... Tendo capital pra investir no bordado... mas pra quem faz tudo mesmo, assim como eu... Trabalhando direto... o dia todo... das seis da manhã às sete da noite... ai, a noite para... pra dormir, né? Dormindo, ta descansando, né? Pára também na hora do almoço... Aqui em Itapajé tem muita gente que enricou com o bordado... enricou, não... ficou bem de vida... o Ésio falou que a D. Leônidas começou com cinco metros de linho... ele falou, tu não escutou não?
- Madson – É... ele falou que ela começou com pouco... E hoje em dia, ela contrata as bordadeiras para fazer o trabalho para ela...
- Francisco – É... isso... Parece que antes dava mais... Hoje, é difícil, né? A concorrência é grande demais... Bordado não tem preço... O povo é quem quer botar o preço... Por causa dos atravessadores...
- D. Eronildes – É porque quando a gente chega lá [referindo-se às feiras], já tem muita gente oferecendo... de Itapajé mesmo... que vende de outro preço... às vezes, vendem R\$ 0,10 a menos..., ai fica difícil, né?
- Francisco – Um diz desses, passou no Jornal... essas feirinhas... a da Sé... já ouviu falar, já? Em Fortaleza, em frente à igreja da Sé... a igreja Matriz... passou na Rede Diário [canal de televisão local]... há três dias atrás... fazia uma reportagem... só com o pessoal de Itapajé que vende lá...

Não vende pra atravessador, mas... é o ano todo, mas é uma feira grande, grande mesmo... todo dia... das cinco da manhã até às sete da manhã...

- Madson – Tão cedo?
- Francisco – É por causa da fiscalização... é que se eles [fiscais] pegar, toma... É o rapa, parece... o nome..., mas passou... em rede estadual... pode falar assim? Passou na TV Diário... o ano todo, mas neste tempo é bom, porque tem turista, né? Aí filmaram agora, porque o lucro é maior... é lotado lá... de gente...
- Madson – Mas lá fica entre a EMCETUR e o Mercado Central, né?
- Francisco - Tu conhece, lá? [Enquanto almoça...] Lá, as pessoas vende mais em conta, né? Eu tenho um primo que vende lá... O Jairo vende lá, né mãe? [perguntando à mãe]... Ele fabrica lá mesmo em Fortaleza...
- D. Eronildes – Ele faz na casa dele...
- Francisco – Ele era do Rio de Janeiro... e veio pra cá... minha mãe ensinou a mãe dele a fazer o cordão... Ela é minha tia... irmã da minha mãe...
- D. Eronildes – Ela não bordava... quando chegou do Rio... quando ela casou foi morar lá... casou-se muito nova, quase uma criança... não tinha nem quatorze anos... nesta época... as moças casavam assim, nova... ela passou dez anos no Rio... ai, quando ela veio, ela se engajou-se no bordado... também... porque aqui... ela mora aqui... ela viu... e ... a pessoa inteligente, só precisa dar uns toques...
- Madson – Você sabe desenhar, riscar? Ou já pega o tecido riscado?
- Francisco – Não...eu pego já riscado da minha mãe... mas não faço o flamboiã, não...
- Madson – Por quê? Acha feio?
- Francisco – Eu acho feio... é... Mas, acho que tem que mudar mesmo... achar outros riscos... ai o flamboiã é isso... é outro risco, né? Porque senão o pessoal enjoa, né? Flamboiã não é bonito não... Essa é minha opinião particular... Mas tem que mudar mesmo... tem coisa que fica saturado... Tem que ter... como é o nome? É estação, é? De ano em ano... Nas feiras... tem que um produto novo... Eu penso assim, como quando compra roupa... vai pela estação... do mesmo jeito tem que ser o bordado... um exemplo: natal, no natal, como minha mãe falou com o Ésio... sai muito morango, caju (vermelho e amarelo)... A D. Francisca tem um risco... ta bem velinho... com árvore de natal, vela... é uma coisa linda... é só levar lá no Mercado Central, na EMCETUR... que vende... outro exemplo, dependendo da estação... tem que ter um motivo... em julho não vende coisa de natal... é isso que eu entendo... o pessoal que tem dinheiro, condição financeira, investe nisso... em risco, em máquina...
- Madson – Aqui vocês têm quantas máquinas?
- Francisco – Minha irmã tem uma de fazer cordão... uma de fazer bordado... e outra de bordar... uma industrial e uma doméstica... aquela que eu tava bordando quando tu chegou... não tem a máquina de fazer ponto Ajour... ela é R\$ 1.500,00 (mil e quinhentos reais)... cara pra mim que sou pobre... por isso mando fazer por outra pessoa... ela faz o ponto Ajour, corta a linha... faz acabamento... deixa no ponto de fazer o cordão...
- Madson – Aqui vocês alguma linha de crédito?

- Francisco – Só o Banco do Nordeste... faz um grupo... minha mãe já fez um grupinho de quatro pessoas... fez um empréstimo de pobre, né? No início é de R\$ 800,00 (oitocentos reais)... no início pode pegar pouco... R\$ 300,00 (trezentos reais) ou menos, pra cada um... e não dá pra fazer nada, né? Pra ir para Itapipoca... você conhece? Já gasta R\$ 15,00 (quinze reais)... com um mês que pega o dinheiro, começa a pagar... quando termina, pode pegar mais...
- D. Eronildes – Eu já peguei... mas nunca passei de R\$ 400,00 (quatrocentos reais), porque eu tenho medo... eu tenho muito medo, sabe? De dever... eu pagava em três meses... ai saia por quatrocentos e cinqüenta e não sei quanto... tem os juros... tem um descontozinho... eu não to nem lembrada bem...
- Madson – E o que dava para você fazer?
- D. Eronildes – Comprava o tecido, a linha... só coisa assim... não dá pra comprar máquina... a gente tem que fazer um orçamento e levar para eles... eles dão uma folha a gente... escreve tudo o que que é... pra justificar... ali eles vêm na casa da gente... pega um tanto de linho... e tome a bordar... ai o grupo foi aumentando... passou pra cinco... depois, passou pra seis... eu fiquei com medo... muita gente... sabe? Porque se um enganar, os outros têm de pagar do mesmo jeito... e é pior, né? É difícil... o Senhor que me perdoe... A gente não conhece nem mesmo o próprio irmão da gente, né? A gente não pode garantir... quando entra o dinheiro no meio, tem que ter cuidado... pois é... nós pagamos direitinho... Foi bom, muito bom...
- Madson – E onde você compra o material? Aqui mesmo?
- D. Eronildes - Quase todas as pessoas trabalham com o bordado, 80% disso, nesta faixa, só trabalha, por que aquele que não trabalha com certeza é aposentado, e mesmo sendo aposentada as mulheres ainda bordam, os homens não bordam, tem deles que não bordam, mas eles ajudam, cortam linha, tiram linha, ele ajuda de qualquer forma, eles ajudam. Sei que é uma grande geração de renda pro município, o bordado, Além, também, que como eu, outras bordadeiras aqui do Barateiro compra toda a matéria prima do bordado aqui, em Itapajé e eu dou preferência para as lojas daqui, assim nós vamos distribuir o lucro, a renda com essas outras pessoas.
- Madson – Mas, vocês fazem o empréstimo antes de uma feira?
- D. Eronildes – Sabe por que eu fiz? Essa mulher lá da EMCETUR, eu vendo pra ela... confiando em Deus, primeiramente... mas eu tinha certeza que quando fosse no dia, assim da prestação... determinado, da prestação... ou antes do dia, a gente tem que se preparar... eu lá nela e ela comprava, né? Aí, eu fui fazendo assim... Teve uma pessoa de São Paulo que fez uma encomenda... e eu não pude cumprir... perdi o cliente... por causa da minha irresponsabilidade, mas agora ele voltou... por causa do meu trabalho, da minha luta... trabalhando dia e noite... pra mim dá conta da casa... e a casa é desse jeito aqui [mostra como está em desordem]... eu não dou conta dela...
- Madson – Você estava me dizendo que é funcionária da prefeitura...
- D. Eronildes – Serviço da Prefeitura... eu sou auxiliar de serviços... no colégio... cozinheira... de tarde e de noite...
- Madson – E a que horas você borda?

- D. Eronildes – De manhã... pra mim ir no centro, comprar alguma coisa, é pra mim riscar... é pra mim lavar roupa... é pra mim lavar bordado... é pra mim fazer almoço... é pra tudo! Só fica livre pra mim, os sábados e os domingos... por isso eu demoro a bordar... e é manual, né? Os meninos bordam pra mim... mas eu tenho que riscar... lavar... eu não mando ninguém lavar... porque não fica como a gente quando lava, né? É difícil, né? Mas eu não desisto...
- Madson – Por quê?
- D. Eronildes – É muito bom trabalhar... a gente está com a mente ocupada... mais e mais... isso é muito bom... e, os clientes acredita... esse de São Paulo acreditou... o Ésio sabe disso... quantas pessoas entraram para o grupo e saíram... pelo exemplo: a gente sabe...
- Madson – Sua filha também trabalha em outra atividade?
- D. Eronildes – Ela é professora...
- Madson – Que horas?
- Sandra – De sete às onze e de uma às cinco... o dia todo... bordo só à noite e fim de semana...
- Madson – Mas, e a atividade do bordado está sendo secundária...
- Francisco – Traduz ai, secundária...
- Madson – Primeiro ela dá aula, depois ela borda...
- Sandra – Mas em casa eu deixo pronto e meu marido é quem faz... Ele borda o dia todo... Antes ele era servente, trabalhava na roça... mas, tem quem queira não... Tá dando pra gente se manter... juntando o salário da prefeitura e os bordados, né? Não sei se eu tenho coragem de ficar só no bordado não... é incerto... eu ganho R\$ 430,00 (quatrocentos e trinta reais)... Mas eu penso assim, se um dia eu fosse embora do meu trabalho, dava pra me manter... mas eu mesmo, não tenho coragem de sair, não... porque nem sempre o bordado tá bom...
- Madson – A comida estava muito boa... Foi você quem fez, Sandra?
- Sandra – Não, eu não... foi ele [se referindo ao marido]... Boto ele pra trabalhar... senão ninguém come... eu tô na escola... e ele fica fazendo as coisas... bordando... cuidando da casa... boto o homem no cabresto...
- D. Eronildes – Mas o homem que não trabalha junto com a mulher... não tem acordo... com o trabalho de casa... eles não vai pra frente... eles não tem felicidade... sabia disso?
- Madson – Você tem outra filha?
- Francisco – [Responde pela mãe] Sim... esta daqui [mostrando a neta, Natália]...
- D. Eronildes – Eu criei duas sobrinhas, quando minha irmã morreu... criei como filhas, mas filha mesmo só a Sandra... tenho outro filho em Brasília... e estas duas netas... que são filhas também... olha que linda, né não? A capacidade delas é enorme... Olha as fotos delas... de doutores do ABC...
- Madson – E a Sandra é professora das filhas?
- Sandra – Eu dou aula há dez anos... fiz normal... só não fiz faculdade... pra pagar, é muito caro... é dez de R\$ 120,00 (cento e vinte)... e agora aumentou muito... é R\$ 160,00 (cento e sessenta)... o prefeito prometeu se entrar, a gente pagar só a metade... A gente já ganha pouco, não tem como, né? Eu terminei só mesmo o magistério... Mas eu só comecei a bordar

depois que tava dando aula... não me acostumei desde cedo, não... não tinha aquele interesse, sabe? Depois foi que eu me interessei... via minha mãe ... aí eu comprei uma máquina... era casada, mas não tinha nenhuma filha, não... Depois foi que meu marido começou a bordar... quer dizer, eu estou com esse aí [mostrando o atual marido] há dois anos... Primeiro, eu aluguei uma máquina... ensinei ele a bordar... em três dias ele já aprendeu... o interesse da pessoa, faz com que ela aprenda mais rápido... mas eu acho que o homem borda mais rápido... o homem borda mais rápido que a mulher... Eu aprendi na mão... mas só faço na máquina... agora eu estou fazendo só cordão... o bordado mesmo quem tá fazendo é meu marido... como o tempo é pouco, mando fazer o crivo e o richelieu fora, né...

- Madson – Quando eu conversei com a D. Francisca, ela me falou que a filha dela não quer ser bordadeira, quer mesmo é dar aula...
- D. Eronildes – Ela vai ser professora, sim... D. Francisca já é diretora da creche... da escola... Ela começou dando aula... e depois coordena...
- Madson – E, a que horas ela borda?
- D. Eronildes – É do mesmo jeito... mesma minha situação... ela...
- Francisco – Ela é minha mãe e não borda não... elas riscam e eu bordo... preparam o bordado... bota as bordadeiras pra bordar... Eu, minha irmã... o genro... mas os acabamentos, nem sei de memória...
- D. Eronildes – Eu vou logo lhe dizendo... eu tive um problema de labirintite... sabe o que é? Ele acaba com a memória da gente, né? Via indo, vai indo... um dia desses eu fiquei aqui, olhando pra minha neta e não me lembrava o nome dela... fiquei assim uns vinte minutos... fiquei tão desgostosa, que eu não perguntei pra ninguém, não... eu deixei voltar... às vezes, eu fico misturando as coisas... se me aperrear, eu misturo tudo... sou uma pessoa inteligente, me criei trabalhando, eu sei formar a criação de risco, desenho, eu sei criar... eu sei me sentar numa mesa e fazer... e dá certo, sozinha... eu tô sempre dando minha opinião... eu sei também... mas eu tenho esse problema...

Depois passo a conversar com Natália:

- Madson – Quantos anos você tem?
- Natália – Oito... [Pede para ver as fotos que eu trouxe, feitas da última vez que estive na casa delas. Depois, passa e mostrar as fotos da alfabetização]... Eu faço os bordados... minha vó não queria não... mas meu tio me ensinou... De tanto eu pedir, minha [a]vó me ensinou o bordado à mão e minha mãe me disse como usar a máquina... além disso eu via, né? Quando, ficava sozinha, ligava a máquina e, uma vez, meu tio Francisco me viu bordando... e gostou. Quando eu crescer, vou ter minha loja, onde vou vender todos os bordados de Barateiro... Eu dou para minha mãe e minha vó vender os bordados...
- D. Eronildes – Eu estou lavando a bandeja dela pra vender... ela já tá fazendo alguma coisa, né? É melhor do que está só assistindo televisão... eu não estou forçando nada... é ela que quer... da livre e espontânea vontade dela... na hora que ela tem vontade... quando tem tempo e não tiver atrapalhando nada... ela é quem sabe... não dá trabalho pra estudar...só tira nota dez... é inteligente... quando ela fez a última

avaliação... ela escreveu na prova que ia tirar dez... e tirou... e era professora de fora, se fosse daqui... iam dizer... né... é porque era daqui...

- Madson – E o projeto da exportação? Você pensam em mandar para fora, os bordados?
- D. Eronildes - É como se fosse uma etiqueta que diz: ‘bordado produzido em Barateiro’. Eu sou de Barateiro e vai [com os bordados] um pouco da nossa história – uma comunidade no interior do Ceará, que no meio de tanta seca cria coisas que embelezam o mundo e manda para outras cidades. É um orgulho pra minha família fazer bordados tão bonitos! Estamos satisfeitas com esta idéia...

D. Mocinha chega à residência de D. Eronildes e após os cumprimentos iniciais passa a descrever sobre os bordados

- Madson – Falem-me da organização do grupo...
- D. Mocinha - Nós temos uma cooperativa [...] é a COOPARTI, que cuida da venda das coisas que produzimos [...] e uma lojinha que fica ali na beira da estrada [...] as artesãs da COOPARTI levam seus trabalhos para vender e sempre tem alguém que toma conta e paga as nossas peças.

### 7.3

#### ANEXO 03 - Depoimento de Iara Braga (jan./2006)

Este depoimento foi gravado em vídeo, no prédio do Curso de Estilismo e Moda, da Universidade Federal do Ceará – UFC, em 25/01/2006.

- Iara – Sou formada em Estilismo e Moda, pela UFC, Fortaleza e no meu projeto de graduação foi sobre Itapajé, os bordados de Itapajé... Por quê? Porque devido eu ter contato com o município de Itapajé, tive a oportunidade de participar do Projeto de Revitalização do Artesanato de Itapajé, que teve o incentivo e o apoio total da secretária de educação, Luízinha Braga e que ela sempre teve muito empenho em ajudar e dar incentivo às bordadeiras de Itapajé. Esse projeto começou com a iniciativa dela [Luízinha] que contratou uma equipe, formou uma equipe, que teve como coordenadora, a professora (arte-educadora) Maria Sônia e duas estilistas, eu e Virgínia, e um sociólogo, o Ésio. E aí, o que foi que aconteceu? Eu, Virgínia e Ésio fomos pro campo: dividimos [as bordadeiras de] Itapajé em grupos. Eu e Ésio fomos cadastrar todos os artesãos de Itapajé, em todas as comunidades...
- Madson – Fizeram um levantamento geral...
- Iara – Fizemos um levantamento total... de quem são os artesãos, onde estão, o que eles fazem, quanto produzem, o que produzem, um mapeamento. Depois do mapeamento, separamos por regiões e por grupos, pra poder fazer a sensibilização e saber quem realmente quais seriam os grupos que estariam interessados em receber a “revitalização”, ou seja, receber o projeto.
- Madson – Quais foram os critérios de divisão? Geográfico...
- Iara – Geográfico e por escolas, porque os grupos iam ser capacitados nas escolas, porque nas escolas hoje há um projeto que reúne as famílias, é um ponto de encontro de toda comunidade, onde as comunidades de bairros e distritos naqueles centros... é o grande centro... Então, assim, pegamos as escolas e fomos trabalhar, uma vez por semana, íamos nos grupos fazer a sensibilização. Nem todos quiseram: uns disseram que queriam, outros, não. Outros diziam, queremos... mas quando era na hora, no dia seguinte, na semana seguinte pra começar a revitalização... O que é que acontecia? Não ia ninguém... não aparecia ninguém. Então, ficamos com os grupos mais interessados, os que tinham produção, estavam mesmo envolvidos e que queria...
- Madson – E em que consistia o projeto, efetivamente?
- Iara – Em revitalizar o bordado de Itapajé...
- Madson – Por quê? Houve um diagnóstico antes?
- Iara – Houve um diagnóstico antes... que a Germana Fontenelle, estilista, da Universidade Federal, também. O que foi que ela fez? Ela fez um diagnóstico do bordado de Itapajé... Então, era levantamento da situação atual... como tava.. a produção do bordado... em 2002. Em cima deste diagnóstico, nós fomos trabalhar os pontos negativos...
- Madson – E quais foram os principais pontos negativos?

- Iara - Os principais pontos negativos são cópias, a qualidade e preços muito baixos, pois estava muito desvalorizado o bordado... mais do que em todos os tempos...
- Madson – Inclusive, comprometendo a continuidade da atividade?
- Iara – É... sem incentivo, porque as bordadeiras estavam deixando de bordar, porque não estavam tendo lucro, estavam tendo despesas, ou seja, nós fizemos um estudo... eu, Virgínia, Maria Sônia e Ésio com entrevistas com as artesãs na feira do bordado-sujo, feira que acontece toda semana e, que antes, acontecia dia de quinta-feira, passou a ser sexta e agora é aos sábados... e que acontecia de madrugada... A feira do bordado-sujo, nós começamos a entrevistar as bordadeiras... e o que é que aconteceu? Nós constatamos que elas gastavam R\$ 1,99 (um real e noventa e nove centavos) por peça...
- Madson – Porque tem esse nome? Feira do bordado-sujo?
- Iara – Feira do bordado-sujo por quê? Porque nesta feira, eles vendem um produto não acabado, ou seja, sem lavar, sem fazer o cordão (que é o acabamento ao redor das peças), sem cortar... sem qualidade técnica... e ele é sujo, sem estar lavado, também... Esta feira já existia, antes do Projeto...
- Madson – Este foi um dos fatores que fez com que o bordado de Itapajé ficasse desqualificado? E isso estava no diagnóstico?
- Iara – Foi um dos pontos... é que essa feira mostrou não estava mais havendo uma valorização do produto artesanal... e ainda havia a questão do escambo... troca da matéria-prima, que é o que? Eles levam dez bandejas e trocam por quantidades de linho duas vezes, que dá para fazer vinte bandejas...
- Madson – A matéria-prima é levada em dobro e a força do trabalho é trocada pela matéria-prima em dobro?
- Iara – É... tanto há outras matérias-primas inclusas também, como as linhas, a tinta do risco, porque, na verdade, o que começa pra elas... o que interessa para elas iniciar o bordado é ter o linho, porque o linho é a matéria-prima mais cara...
- Madson – Que é o tecido-base para a realização do bordado...
- Iara – Tecido usado para bordar...
- Madson – Mas, você estava explicando que elas não sabiam fazer a relação de custo das peças, por isso estavam perdendo dinheiro...
- Iara – É... elas gastavam R\$ 1,99 (um real e noventa e nove centavos) por quê? Porque, elas pagavam para fazer o ponto Ajour, que é um dos acabamentos [e precisa de uma máquina especial, que nem toda bordadeira possui]... Elas pagavam para [alguém] riscar, além da mão-de-obra delas e do linho... Depois de fazer o cálculo todos do que elas estavam gastando... O que nós fizemos? Nós calculamos e chegamos a este valor R\$ 1,99 (um real e noventa e nove centavos). E elas achavam que estavam ganhando dinheiro, enquanto estavam tendo prejuízo. Elas faziam o que? Enquanto elas trocavam por linho, a produção delas duplicava... ia crescendo, só que no momento em que elas vendiam o bordado elas recebiam em dinheiro, quando estavam realmente necessitando de dinheiro... numa situação emergencial... e o que acontecia? Elas perdiam dinheiro...

- Madson – Então, na tentativa de ganhar dinheiro, elas acabavam por perder dinheiro, baixando a qualidade do bordado, por conseguinte de Itapajé. Então, o projeto veio ainda para fazer isso... Estas artesãs tinha o bordado com atividade principal?
- Iara – Não. É como atividade secundária. Geralmente, é assim... são poucas as que têm esta, como atividade principal.
- Madson – Já havia participação masculina, antes do PRA-ITA?
- Iara – Já...mas em pouco número... Mas não é de hoje que os homens estão na atividade... por quê? Primeiro, começou a participação masculina nos desenhos...certo? Alguns homens que tinham maior habilidade, desenhavam o risco... ai, depois desenvolveram habilidade outra: riscar. Esse processo do risco é muito trabalhoso... por quê? Porque tem que ter força na hora de passar o rolo com a tinta e por causa do gás... o gás, nas mulheres, causava enjôo e se a mulher estivesse grávida causava reação. Então, o que foi que aconteceu? Eles passaram a riscar, depois passaram a engomar.
- Madson – O que você fala em risco... passar o desenho para o tecido e não criar um desenho novo.
- Iara – É... é o ato de perfurar o papel e deixar que a tinta passe por esses buraquinhos e marque o tecido, para a bordadeira se guiar, na hora do bordado. Tem que ter uma certa força... dilui a tinta xadrez com querosene...
- Madson – E a outra atividade, foi a passadoria...
- Iara – Foi... começaram a passar o bordado. Por quê passar o bordado? Porque o homem tem mais força do que mulher para passar [e dar conta de muitas peças: lençóis, colchas, caminhos de mesa...]. Para o bordado ficar mais liso, passa o grude e ele fica mais armado, rígido.
- Madson – Voltando a questão da sensibilização feita no PRA-ITA, os homens já participavam... Não foi uma mudança implementada, exclusivamente, pelo projeto...
- Iara – Não... eles já participavam, de alguma forma... Então, naturalmente, a participação masculina foi tomando espaço em todas as etapas... Hoje, o homem já faz tudo... até bordar à mão, ele borda, faz acabamento e tudo, à mão.
- Madson – Quais são as principais tipologias utilizadas em Itapajé?
- Iara – Ponto cruz, ponto cheio, o richelieu, Ajour, e os tipos de acabamento como o cordão, o crivo...
- Madson – Retornando ao PRA-ITA...
- Iara – Pois é... fizemos a distribuição... dos grupos... Ai, começamos a trabalhar, com encontros semanais e, em alguns grupos, duas vezes por semana. Dependia da disponibilidade das artesãs, dos grupos.
- Madson – Vocês já tinham uma metodologia das etapas...
- Iara – Tínhamos uma metodologia, dividida em três módulos. Os módulos se desenvolviam em encontros. O primeiro módulo era mais para trabalhar a criatividade, sensibilizar as artesãs, elas estudarem formas, cores, terem noção do que é forma, teoria das cores, delas terem noção do que é mercado... para que é que elas vão produzir os bordados... para quem elas vão produzir...
- Madson – O que você chama de “noção de cor e forma”?

- Iara – Estudo de forma e de cor, mesmo. Estudar quais são as cores primárias, secundárias... como as cores se compõem. Elas não tinham essa noção. Talvez, empiricamente. O que é o azul? Elas sabem o que é. O que é o vermelho? Elas sabem o que é... mas, elas não sabia a diferença das cores primárias para as secundárias... como as cores eram formadas, quais as cores que se complementavam... o que o branco faz, o que o preto faz... Quanto às formas, trabalhamos muito as formas dos vegetais... primeiro, iniciamos com as formas geométricas: triângulos, quadrados, retângulos e círculos. Para depois elas identificarem onde estão presentes as formas geométricas na vida delas. No bordado delas...No primeiro momento, ninguém falava de bordado... Nós só falávamos de formas, cores... entende...de coisas que não estavam diretamente ligadas ao bordado. Dávamos exemplos de outras coisas... como tipos de mercado, supermercados, como os supermercados agiam...Depois desta parte de criatividade, desenvolvimento criativo, o que foi que trabalhamos? A parte de auto-estima e sensibilização.
- Madson – De que maneira?
- Iara – É... com vivências... sensibilização em escutar música...de saber o que elas estavam sentindo... elas falarem das sensações ao ouvir a música... depoimentos...memória afetiva, também... a gente se abraçava... era sempre antes, porque elas se concentravam, se desarmavam...para elas deixarem mais o mundo lá fora.
- Madson – Esse foi o primeiro módulo?
- Iara – Foi... mas o primeiro módulo também falava da inovação, o que era inovação, o que era repetição... o que era padrão... sem se referir diretamente ao bordado... de moda, o que era repetição de moda, o que era repetição de objetos, entendeu? O que era cópia de produto... falávamos de tudo, de maneira geral.. Não nos restringimos, nem tocamos nos bordados.
- Madson – Nesta primeira abordagem, houve retorno imediato?
- Iara – Sim... elas entendiam... em todo fina de encontro, nós fazíamos um resumo do que foi tratado na aula, para fixar... no encontro seguinte, nós fazíamos uma revisão do que tinha sido dado na aula anterior.A revisão era a própria participação das artesãs. Eram elas quem falavam.
- Madson – O primeiro módulo consistiu em quanto tempo?
- Iara - Mais ou menos uns dez encontros. Ai, o segundo módulo já partimos para a parte do desenvolvimento do produto em si, certo? Não... mas estou esquecendo uma coisa... Na primeira parte, nós falamos o que tinha a ver ... Não foi no segundo módulo mesmo. O artesanato e a cultura. Como era que nós íamos fazer essa ligação? Por quê falar de artesanato e falar de cultura? Aí elas começavam dar a opinião delas... o que elas pensavam sobre a ligação do artesanato à cultura... e porque juntar estes dois.
- Madson – E qual a sua opinião a respeito disto? Qual a importância?
- Iara – A importância que nós passávamos para elas... e que eu tenho a certeza, convicção... porque o artesanato agrega valor, valor que é diferenciado. Nós estamos falando, não de uma cultura qualquer, nós não vamos fazer o artesanato bordado de Itapajé e pegar elementos da cultura do Maranhão, por exemplo. Nós vamos agregar a cultura-local ao artesanato-local. Nós vamos retratar no bordado a vivência diária... nós vamos retratar no bordado o dia-a-dia, o que elas vivem na cultura delas...

e isso agrega o valor do bordado que é feito em Itapajé. Porque faz parte da história da vida delas.

- Madson – Mas este bordado deveria ser vendido para outras localidades (com culturas diferentes) e para a própria comunidade...
- Iara – Sim... para o regional e fora da região... é aquela coisa é o local feito para o global, que o global aceita o local, entende? Ou seja, o produto tem de ser feito inspirado em coisas do local, ao mesmo tempo aberto para o mundo... ele pode ser aceito em qualquer parte do mundo... o bordado de Itapajé... como ele é atualmente encontrado em diversas regiões, áreas. Tanto do Brasil, quanto do mundo...
- Fizemos esta parte de introdução à cultura e fizemos um “jogo de idéias”, fizemos um “cardápio”, transformamos num cardápio... Um cardápio cultural, aonde elas conduziram os elementos culturais que estão presentes no dia-a-dia delas: roupa, dança, comida, planta, inseto, bicho, religião, festas religiosas, bebidas... tudo, deforma geral... e desse cardápio, elas fizeram votação, por quais elementos elas gostariam de trabalhar... ai foi diminuindo... os animais, os insetos, as plantas... e nisso tiramos... fizemos outra votação...
- Madson – Isso era para uma mudança de padrão dos bordados ou era para trabalhar a questão da criatividade, a utilização das cores e das formas, era um exercício para isso também?
- Iara – Era... quais eram as formas mais adequadas com esses elementos do cardápio, que poderiam transpor para os bordados...
- Madson – O que você chama de cardápio é o repertório de idéias, um banco de imagens?
- Iara – Banco de imagens, banco de idéias... na verdade, banco de temas... eram temas a serem trabalhados, mas não imagens já prontas... Então, partimos pras votações... Tudo eram elas que decidiam... Elas e eles... o grupo que decidia, nunca éramos nós...
- Madson – Os grupos estavam sendo realizados em locais diferentes?
- Iara – Eram... em locais totalmente diferentes... Cada grupo acabou elegendo um tema diferente... Pronto: plantas... dentro das plantas, nós partimos literalmente para o campo que estava ao redor delas... e saímos a pesquisar... a trabalhar o olhar... ao redor... do mundo delas... o que era que estava ao redor delas... e elas também começaram a perceber a beleza do espaço em que elas viviam... do ambiente...
- Madson – E elas não tinham esta percepção?
- Iara – Não... elas voltaram encantadas, de tão bela era aquela natureza... que estava ao redor delas... as flores que davam no mato, no chão... elas saiam colhendo todas as flores... e dentro delas plantas, flores, cada uma trazia uma flor... que gostava, que encontrava... e num grupo era feita a votação... nesta votação... cada grupo já saiu com um tema, por exemplo... a Pitombeira...
- Madson – De quantos grupos você está se referindo? Três, quatro?
- Iara – Quatro grupos... potenciais grupos produtores: Pitombeiras – que escolheu o peão-roxo, a flor do peão-roxo. O segundo, o Barateiro, que ficou com a flor do Flamboyant. Depois, o Camará, que ficou com a flor do Camará, uma flor que foi batizada por uma bispo, na época da criação

do distrito, que apareceu por lá... E, finalmente, a orquídea, no [distrito de] Bom Jesus.

- Madson – Fale mais especificamente do Flamboyant e de Barateiro...
- Iara – No Barateiro, porque elas escolheram esta flor? Porque na escola, em frente ao prédio havia vários pés [referindo à árvore] desta planta... e, tem uma época do ano que elas sempre estão na sombra do Flamboyant... as artesãs... de Barateiro. Elas ficam embaixo do pé do Flamboyant bordando... só que tem uma época do ano, que elas acham belíssimo, fica a coisa mais linda do mundo... É quando o Flamboyant dá as flores e as pétalas começam a cair e o chão fica todo avermelhado, vermelho... de maior predominância por lá é o vermelho... então, todas elas voltaram com esta flor... foi unânime... porque todas elas adoravam e tinha tudo a ver com o cotidiano delas...
- Madson – elas estavam tão próximas e nunca pensaram em bordar esta flor?
- Iara – Não... elas bordavam antes morangos, “pois” que elas chamam “pois”, que é uma florzinha que tem cinco pétalas e um miolinho... esse “pois” elas bordam de azul, de vermelho, de amarelo, de todas as cores...
- Madson – Você sabe porque elas bordavam o moranguinho, especificamente?
- Iara – Porque elas achavam bonito... Os riscos antigamente vinham de fora, elas copiavam de revistas, que outras pessoas traziam... as agenciadoras traziam as revistas e elas copiavam os motivos... e passavam pros bordados... as agenciadoras eram quem distribuía e faziam a venda... e a encomenda, como elas queriam... isso [os riscos] se espalhou para outras bordadeiras que não de agenciadoras... Os riscos iam sendo copiados... de uma pra outra... de uma pra outra... então, os riscos iam se repetindo inúmeras vezes... trilhões de vezes... todo mundo fazia a mesma coisa... e ninguém sabia direito de onde que era... Na verdade, nós perguntávamos pra elas porque elas estavam bordando o morango e elas sempre respondiam: “porque é bonito!”. Elas não tinham como justificar a sua escolha, a não ser por um desejo, talvez, de possuir aquele fruto.
- Madson – O que eu acho curioso é que o morango não dá no Ceará... Você acredita que não há uma relação entre o desejo de ter uma fruta, como o morango, no repertório dos bordados?
- Iara – Pode ser... mas eu penso que a cópia importada é o motivo realmente deste fato... Elas não têm justificção para isso...
- Madson – Retornando ao Flamboyant...
- Iara – A segunda etapa, depois de escolher o flamboyant... elas passaram a escrever um texto, explicando o que o flamboyant tinha de importante para elas... o que é que o flamboyant causa ... que sensação causa a elas... saíram textos emocionantes... em sua simplicidade... mas que diziam que quando a flor desta planta despetalava se espalhava alegria...
- Madson – Eu tenho um depoimento de uma artesã que faz uma analogia com a “resistência“ e a “persistência” que a planta parece ter, assim como elas... que mesmo numa condição adversa, principalmente pelo clima semi-árido e a conseqüente falta de água, resistem e persistem em sua atividade...

- Iara – E isso é fantástico, né? Diversos depoimentos como esse relatam acima de tudo a emoção, a esperança... Em cima destes depoimentos, com a flor ao lado... cada uma foi fazer a sua representação no papel, foi desenhar o flamboyant da forma como elas queriam... e destas formas, desenhos... fizemos uma votação onde o grupo iria decidir qual a melhor forma, o melhor desenho para representar a sua comunidade... tudo isso ainda no segundo módulo... cada processo era num encontro... Depois era feito o desenho, para passar para os moldes... Elas começaram a fazer um molde de acordo com o tamanho das peças... como era que cada peça... iria comportar aquele desenho... ou melhor... como que cada desenho ia se adaptar a uma peça específica...
- Madson – Que peças são essas, as principais?
- Iara – O caminho de mesa, a toalha de mesa, a colcha de cama, a bandejinha, bandeja redonda... são peças de decoração, de utensílio doméstico... de cama e mesa... não tinha peça de banho, nem de vestuário... Elas passaram a entender o que era coleção... o tema da coleção dos produtos dela agora era a flor do flamboyant... é interessante, pois nós falávamos coleção e elas já pegavam estes termos pra elas...
- Madson – Elas assimilaram esse discurso facilmente?
- Iara – Muito facilmente.... tudo... já assimilaram todos esses discursos... elas tinham que fazer o risco para cada peça da coleção, para ter uma continuidade, uma unidade temática... Depois disso, elas passavam a produzir... que foi subdividindo a produção [execução] em subgrupos...
- Madson – Foi selecionada imagem de perfil, imagem frontal, para o richelieu...
- Iara – Sim... para cada tipologia e tipo de peça... O Barateiro trabalha, basicamente, como duas tipologias: o bordado cheio e o richelieu... à mão e à máquina (no cheio) e o richelieu, à máquina. Elas começaram a produzir... fizeram um desenho para cada peça... começaram a entender que o bordado tem que ter uma medida padrão, certa, por peça... a proporção do bordado com relação à peça... e à tabela de medida... como o mesmo motivo pode variar de acordo com o tamanho e a função de cada peça.... Qual o tamanho de uma badeja grande? Qual o tamanho de ma colcha de cama, padrão? Estou falando da peça em si e da graduação... quanto vai aumentar para a peça grande, média e pequena... passaram a ter essa noção que é necessária de medidas, inclusive internacionais... Depois, elas tiveram noção da disposição das formas na peça...
- Madson – Explique um pouco como era “antes” [do PRA-ITA] e “agora”...
- Iara – Antes, elas pegavam... tinha um cacho central... elas dispõem nas laterais ou no centro da peça... e desenhavam esse cacho... o cacho é o que? Uma flor... central... ou morangos... ai faziam um laço... um crivo, sempre no centro e repetiam as flores ao redor... faziam a repetição... é o que elas chamam de salpique... salpique de qualquer forma... às vezes, elas colocavam bordados demais, em peças menores... e botavam bordados de menos em peças maiores.... não sabiam como equilibrar... um equilíbrio e a composição da peça... em si. Agora, elas já sabem aproveitar, fazer o aproveitamento do tempo e do material... que era nossa intenção, também... tinha a composição do desenho... a forma mais econômica de fazer ... tinha os espelhos... espelhar o desenho... o que antes, não tinha...

elas trabalhavam de forma assimétrica... O PRA-ITA deixou elas livres, pois tinha tanto elementos do antigo bordado: crivo, ponto Ajour, os “pois”... juntar nesta composição um novo desenho, um desenho atual... mas sem precisar abandonar o que elas já sabiam fazer... seria apenas um complemento, certo? Para a composição... Depois, elas entenderam como dispor este risco, este desenho no produto... É tanto que cada produto agora, tem um risco... que antes, os riscos de colcha poderiam ser usados para bandeja e vice-versa ... o mesmo cacho que poderia ser usado numa toalha de mesa poderia ser usado num caminho de mesa... agora, tem a diferença...

- Madson – Há um molde para a toalha de mesa, para o caminho de mesa...
- Iara – Isso... seguindo as medidas-padrões... elas seguem tudo isso...
- Madson – E o desenvolvimento de cores?
- Iara – O desenvolvimento de cores foi o seguinte: elas, depois das noções de cores, elas sabem como compor harmonicamente uma peça... com as noções gerais de forma e cores...
- Madson – Mas elas continuam fazendo ainda os bordados do moranguinho...
- Iara – Também...
- Madson – Houve uma espécie de “hibridação”, pois os motivos ainda continuam, mas a maneira de fazer, o pensamento, a construção, a aplicação das cores mudou?
- Iara – Elas continuam fazendo tudo igual... quando é morango... elas não conseguiram entender direito, ao meu ver, que os mesmo preceitos aplicados ao flamboyant podem ser utilizados para o morango e outros motivos... não têm essa flexibilidade... de usar estas técnicas... mas, já as novas flores, elas começaram a usar o que foi desenvolvido no treinamento... por exemplo, tem uma florzinha que elas chamam de mal-me-quer/bem-me-quer ou de boa-noite/bom-dia... que elas já passaram a fazer de forma diferente... usando a técnica do flamboyant... Mas, deixa eu terminar a história do flamboyant...

Com o flamboyant elas começaram a ver os matizes, as linhas matizadas, quais as que combinariam melhor na composição, os matizes de verde, quais ficariam melhor na composição... e combinar as cores que fossem de acordo com a realidade do flamboyant real... por exemplo, tem uns pontos dentro da flor do flamboyant que são brancos e elas representaram isso também nos bordados... Além disso, elas inventaram também... começaram a ter a vontade de usar outros pontos... outras formas de bordar... por exemplo, em vez de encher uma folha inteira, elas fizeram só a borda... e só os contornos...

- Madson – Estilizações do mesmo tema?
- Iara - É ... começaram a fluir a criatividade em outras formas de fazer... mas de forma coletiva, não era realizada por artesãs isoladas... uma chegava com a idéia e as outras compartilhavam... cada encontro tinha uma idéia diferente... de como apresentar [uma inovação] o desenho... antes de passar para o bordado efetivo... é tanto que com a mesma flor do flamboyant passou a existir duas coleções com este tema... o tipo de coleção do richelieu, o [ponto] cheio e o mais vazado...mais contorno... Depois, passou para a linha de produção mesmo... Foi dividido entre elas mesmas, o que cada uma iria fazer e as quantidades... cada uma ficou com

a incumbência de realizar uma quantidade específica... um trabalho efetivamente coletivo...

- Madson – E o bordado passou a ser encarado como um produto a ser desenvolvido em série...
- Iara – Uma produção organizada... passaram a organizar a produção... Retiramos da história da moda, somente as coleções com temas específicos... o restante continuou a ser artesanal... no fabrico, e na circulação....

O terceiro módulo é a parte do empreendedorismo... depois de ter passado por todo esse processo... passam a calcular o custo: o que gastaram com matéria-prima, mão-de-obra utilizada, todo o processo... elas descreveram num papel todo o processo e o que elas gastaram...

- Madson – Houve uma pré-seleção de formação?
- Iara – Foi desenvolvida uma metodologia CEFE, acompanhada pelo Ésio... Ele teve esse momento sozinho com elas, apesar de estar sempre presente em todos os encontros... anotando a evolução do grupo... na verdade, ele ficava como um observador... o tempo inteiro... Nesse momento, o Ésio passou para elas, através desta metodologia, a forma de calcular os custos dos bordados... de uma certa forma, enxergar o produto artesanal como um produto também comercial: como apresentar este produto no mercado, qual o preço justo a cobrar, baseado em que cálculo... não deveria ser mais aleatoriamente... que elas se guiavam pelo preço do mercado... uma pano de bandeja era R\$ 0,10 (dez centavos), R\$ 0,20 (vinte centavos), onde elas viram que estavam perdendo muito dinheiro... e agora, com maior qualidade... elas poderiam também adequar o preço justo à qualidade superior... além do valor acrescentado... E, sobretudo, se o bordado é realizado à mão ou à máquina... agora, elas estão diferenciando, para valorizar o feito à mão... antes, elas não diferenciavam... mas, tudo é artesanato, pois não é a máquina que produz... mesmo os feito à máquina, são elas que conduzem o manejo para poder trabalhar... fica, de alguma forma, uma fronteira não delimitada do que é semi-artesanal ou semi-industrial...
- Madson – Voltando ao terceiro módulo...
- Iara – O Ésio passou [o conhecimento], sem falar do bordado e depois elas aplicaram aos bordados: quais eram as etapas e como elas gastavam em cada etapa do processo.. de desenvolvimento do produto... e viram o quanto estavam perdendo dinheiro [por conta de basear o preço pelo preço das agenciadoras. Se as agenciadoras pagavam “x” pelo bordado era o preço que cada artesã cobrava].
- Madson – E quanto à distribuição?
- Iara – Na distribuição, ao mesmo tempo em que o Ésio passava o cálculo dos custos.. eu e Virgínia e um artista gráfica, design gráfico, o Bernardo, fomos desenvolver um material gráfico de apresentação do produto, tipo uma marca... do projeto e do produto... e todo mundo, etiquetas, sacolas, etiquetas-tag... dentro desta etiqueta fala do produto, quem é a artesã, a referência do produto, e tem um textinho falando do tema e a marca do PRA-ITA, além da sacola que leva a marca do projeto, além do folder que conta toda a história do projeto, toda a evolução com fotografias, falando da evolução de cada grupo, com o tema de cada grupo e os *banners* que são apresentadas em feiras... A primeira feira era a feira municipal, que era

da feira da integração que vinham de todas as localidades [do município de Itapajé] ... Nós fizemos um stand diferenciado para mostrar o PRA-ITA para mostrar as comunidades locais, com expositores especiais... os expositores foram inspirados nos varais que ficam distribuídos em toda a cidade, pó exemplo: se você chegar hoje em Itapajé na quinta-feira, você vê todos os bordados estendidos em frente as casas, na rua, nas praças com varais [fazendo uma analogia da fase em que os bordados ficam estendidos nos varais para secar após a lavagem e aplicação do grude]... Isso foi um stand padrão que nós levávamos para todas as outras feiras ... foi apresentado um projeto para a comunidade.. a comunidade ficou sabendo...

A segunda feira foi a nível estadual.. foi na feira de turismo, onde todos os municípios do estado se encontram vão para a feira, na EMCETUR... e no Centro de Convenções, aqui em Fortaleza. Trouxemos para a montagem desta feira, todo o material gráfico, com embalagens e as artesãs para venderem seus produtos e falarem de sua [nova] experiência no projeto.... Cada grupo enviou uma representante

- Madson – Houve impacto com relação à apresentação desta nova forma de mostrar o produto, com ênfase na cultura local [de Itapajé]?
- Iara – Sim... todo mundo ficou impressionado com a qualidade técnica dos produtos, pois antes do projeto a qualidade [técnica] estava péssima... ficaram impressionados com a história da revitalização do projeto... com todos os temas/padrões/motivos novos... o relacionamento da cultura com o artesanato... da identidade cultural, que nós trabalhamos muito esta questão da identidade cultural de cada grupo, da história local... elas contavam a história de todo o processo desse novo tema... desse novo produto...
- Madson – Elas assimilaram bem o discurso? Elas não conheciam esta linguagem?
- Iara – Assimilaram bem, sim... elas não conheciam esta linguagem, mas que passou a ser incorporada...
- Madson – Você acredita que a flor do flamboyant é realmente um identificador cultural para a comunidade? Se eu olhar o bordado aqui em Fortaleza, na EMCETUR ou em outras feiras, e se o design dele tiver a flor do flamboyant... acha que este bordado liga diretamente à localidade de Barateiro, em Itapajé?
- Iara – Sim... porque antes, não... era o quê? Eu fui a São Paulo e encontrei na calçada em frente ao Hospital das Clínicas e tinha lá um monte de bordados estendidos em varias... assim, como forma de vender... e ai, como era que tava disposto? Eu reconhecia o bordado de Itapajé... porque eu conheço o bordado de Itapajé onde ele esteja...
- Madson – Quais eram os motivos?
- Iara – Eram “pois” e morangos... mas eu sei que era de Itapajé, pois é lá que produz bordados para todo o Brasil...
- Madson – Mas existem bordados de outras localidades com este motivo, os morangos?
- Iara – Mas eu sei conhecer os bordados de Itapajé... pelos pontos que são mais juntos... seu eu encontrar os bordados com flamboyant, seu que é da localidade de Barateiro... porque ninguém fez igual a ele...
- Madson – Mas, você acha que isso vai acontecer? A cópia do flamboyant?

- Iara – Não sei...
- Madson – Mas vocês tiveram essa preocupação de saber o que eles iriam fazer após o término do projeto?
- Iara – Sim... eles vão continuar fazendo coisas novas, mas relacionadas à cultura deles... Eles continuam...
- Madson – Da última vez que fui lá.. eu vi um bordado que nunca tinha visto em outro lugar. Eram bordados com cajuzinhos... É pós-flamboyant?
- Iara – É pós-flamboyant... eles nunca tinham ousado mudar... depois que houve o projeto eles saem criando seus novos bordados... Por exemplo a D. Francisca fez uma coleção desta flor do bem-me-quer/mal-me-quer... depois do PRA-ITA... Já teve outra que fez os morangos... outra que fez da papoula... elas, já dentro dos grupo, ... se ajudam entre si... mas os grupos se desfizeram... sem o compromisso do trabalho como foi na época do treinamento/qualificação... Ninguém é obrigado a trabalhar em grupo, não.. nós mostramos que era mais interessante porque fortalecia, porque tinha mais produção... era mais flexível...
- Madson – Você está me falando de uma atividade fora das agenciadoras...
- Iara – Fora das agenciadoras... onde as artesãs tomam para si a responsabilidade de comercializar o seu produto...
- Madson – As agenciadoras passaram a copiar este tipo de motivo?
- Iara – Não... Elas continuam produzindo o que produziam sempre...
- Madson – O que você considera positivo e negativo no projeto?
- Iara – Primeiro ponto positivo, super-positivo, a auto-estima delas... o amor próprio... elas mudavam de um dia pro outro... vinham com um cabelo diferentes... com um brilho no olho diferentes... vinham banhadas e perfumadas... cada dia era diferente... a forma de falar... se posicionar foi outra... a forma de estar, era outra... isso é o mias fantástico a evolução individual e depois coletiva... cada uma ia melhorando de uma forma... Outro ponto positivo: elas começaram ter maior noção de mercado... para que elas estavam produzindo, para quem... elas não tinham a noção do cliente... elas bordavam sem se preocupar para quem se destinava... De acordo com o depoimento delas mesma, a produção era somente para o sustento delas e da família... função comercial... de ganhar dinheiro... complementação de renda... não tinham um pensamento crítico sobre a atividade... modificaram também neste aspecto... Outro ponto, pode ser entendido através da criatividade... elas inventam mais coisas... têm consciência do poder da criação... cada encontro isso já podia ser percebido... com acabamentos diferentes, cores inusitadas... uma mistura de cores diferentes, composições... cada dia apareciam com apresentação nova para o mesmo produto...
- Madson – Existe uma maneira de identificar o bordado de uma família para a outra, se o desenho for o mesmo? Somente pelo ponto?
- Iara – Não... eu não consigo identificar, não... eu não sei... as cores são as mesmas...
- Madson – E de negativo no projeto, para finalizar...
- Iara – De negativo, eu acho que foi pouco tempo... eu acho que o projeto deveria ter continuidade... tem muita coisa ainda a ser trabalhada...
- Madson – Mas há facilidade ou abertura para a continuidade?

- Iara – Eu acho que sim... faltou muita coisa... é um projeto muito bom, mas precisa de mais tempo para que a sensibilização delas seja aos poucos, mais ainda... que este acompanhamento seja também... teve uma coisa que eu fiquei decepcionada... eu fui uma ânsia muito grande melhorar, ajudar... de dar conhecimento para elas e muitas delas não queriam... muitas delas preferiam ficar em casa, dormindo... receber bolsa-escola, bolsa-renda... vale-gás, bolsa-alimentação... Aconteceu comigo de eu ir em um conjunto habitacional, onde estão as maiores [em quantidade] pedintes de Itapajé, são aquelas mulheres que estão todo dia pedindo a políticos, comerciantes, que estão vivendo por causa destas bolsas de auxílio, não são completamente miseráveis por isso... têm casa própria, mas elas acordam onze horas do dia... para não trabalhar... para que trabalhar, se elas já tem um sustento, embora pequeno, mas tem... se sentem dor, vão ao hospital e ganham remédio... e não tem uma busca maior do conhecimento... não precisa batalhar por nada... já há em Itapajé, uma política assistencialista muito desenvolvida... e isso acarreta o subdesenvolvimento, ou o não-desenvolvimento de atividades efetivas... Eu só concordo que o poder público dê algo, para quem está ligado a alguma forma de produção, nem que seja somente da educação... O assistencialismo só é bom até certo ponto, pois vicia... para quem não tinha nada e tem alguma coisa... sem precisar batalhar na lida diária por nada...

Quanto à questão da continuidade, incentivou muito o trabalho de bordados de algumas artesãs... elas terem o exemplo dentro de casa e dar certo... para sustento de sua família... é bom, mas tem mulheres que não se identificam com o artesanato... acho igual a profissão... cada um segue sua ânsia de trabalhar em alguma coisa... nem todo mundo em Itapajé tem essa necessidade de trabalhar nos bordados... mas o projeto despertou para o bordado como uma profissão... de forma positiva,, como passa-tempo... No meu trabalho final da graduação eu fui em busca de novos conhecimentos... atualmente, estou cursando um mestrado em Portugal, passei dez meses lá, distante da família. Com o estudo de Marketing... estou vendo como os artesãos são capacitados... e hoje, eles são exigidos criatividade em seu ofício, mas nenhum órgão público que trabalhe com o artesão parece estar preocupado como ele vai escoar este produto... nem na comunicação do artesanato para a sociedade... eles só pensam em fazer capacitação de melhoria do produto... mas eu ainda não vi nenhum projeto em que os artesãos saiam ganhando em todas as fases do processo... e que ganhem dinheiro.. é isso que artesão quer: dinheiro no bolso dele.. porque se faltar o dinheiro, ele passa fome... e é isso que falta nos projetos... uma visão de mercado... quem é o público-alvo do produto de artesanato? Quem são as pessoas que querem comprar bordado? Essa história de consultoria em artesanato, só quem ganha é o próprio consultor... artesão nenhum ainda está ganhando com isso, não... E isto deve ser levado em consideração antes de realizar novos projetos...

## 7.4

**ANEXO 04 - Depoimento de Ésio Lousada (jan./2006)**

Este depoimento foi gravado em vídeo, na residência de Ésio Lousada, durante visita à Itapajé, em 27/01/2006.

- Ésio – Sou formado em Ciência Sociais, pela UNIFOR [Universidade de Fortaleza] e trabalhei desde 2002 no Programa de Revitalização do Artesanato de Itapajé – PRA-ITA, aqui em Itapajé... Meu trabalho, enquanto sociólogo, no PRA-ITA ficou mais na parte de empreendedorismo... de agregar ... conseguir levar o cooperativismo e o associativismo à zona rural de Itapajé... e na própria sede... aqui, as bordadeiras, sem se preocupar muito com esta questão de gênero... existem bordador, também, mas o que prevalece é bordadeira, a questão de gênero ai é nula... aqui é complicado a questão do associativismo... as bordadeiras constantemente, umas querendo passar por cima das outras, não tem essa questão de grupo... esse teor de grupo... e elas acabam perdendo, no nosso modo de ver, perdendo comércio... pois o pensamento é individual e não coletivo...
- Madson – E sua proposta, no PRA-ITA, incluía o associativismo?
- Ésio – Claro... sem necessariamente ser formalmente estabelecido... Como acontece em algumas localidades... Alguns grupos do próprio PRA-ITA ruiu por causa desta falta de associativismo...
- Madson – O que você chama de Ruir? É abandonar o projeto?
- Ésio – É... apesar de terem assimilado alguns conceitos... mas a tentativa delas, era a ânsia do lucro rápido... e quando isso não acontecia... o associativismo serviria para isso... para modelar esta questão...
- Madson – Mas, chegou a haver um retrocesso? Elas voltaram a vender como na época da feira do bordado sujo?
- Ésio – Na verdade o bordado sujo foi... ou melhor, a decadência da feira do bordado sujo foi uma de nossas conquistas, porque aqui tinha o planejamento diagnosticado pela professora Germana Fontenelle, um dos aspectos principais da decadência da qualidade nos bordados de Itapajé era a feira do bordado sujo...
- Madson – Resumidamente, fale sobre a feira do bordado sujo...
- Ésio – Esta feira, em pesquisas coletadas, desde 1980, aproximadamente, funciona, há mais de vinte anos... começou de quarta até os sábados... localizada na praça Major Carneiro, aqui em Itapajé... conhecida como praça do Jauro, onde as pessoas vendiam (e ainda vendem), o bordado inacabado, ele só com o bordado em ponto cheio, fios e linhas no pano, no linho... ele sujo ainda, sem o acabamento de ponto Ajour, crivo, cordão... e essa feira... esse tipo de produto saiu para vários tipos de localidades do Ceará e do Brasil... depreciando a imagem do bordado de Itapajé... que era belíssimo... pra um bordado que ainda se vende inacabado... neste sentido, o PRA-ITA entrou para acabar com a feira [e este tipo de prática]. E o efeito é que hoje, a feira se resume em um dia da semana... Nós levamos as pesquisas às pessoas [das comunidades] e muitos deles compreenderam que aquela não era a melhor forma de trabalhar...

- Madson – A feira diminuiu... e os grupos que ruíram... mas este povo que ainda continua a fazer bordados. Como ele se encontram atualmente? De que maneira comercializam seus bordados... já que nem todos seguiram o treinamento do PRA-ITA e não fazem mais como antigamente, no bordado sujo?
- Ésio – O treinamento serviu inclusive para alertar sobre o prejuízo que os artesãos estavam tendo ao comercializar seus bordados com preços tão baixos... mas não queriam ficar “presos” a um tipo de associação... não tem como eles voltarem simplesmente a serem como eram antes do PRA-ITA... Parece que num momento intermediário entre o que já foram (antes do PRA-ITA) e o que se queria... Na verdade, o bordado de Itapajé sofre atualmente, uma crise muito grande... vem sofrendo de algum tempo para cá... diagnosticado em várias vertentes do trabalho da Germana, mas também eu acrescentaria que os produtos industrializados tomaram espaço, a mão-de-obra da população percebeu que estava sendo depreciada, na parte de valor da própria família... foram deixando... e querendo assimilar outras atividades como o comércio e a indústria... uma empresa de calçados que veio do Rio Grande do Sul para cá, que é a PAQUETÁ Nordeste, com todo aquele incentivo fiscal... o governo trouxe esta empresa e absorveu uma grande parte da mão-de-obra que era dos bordados...
- Madson – Fazendo uma retrospectiva...
- Ésio – O povo que cuidava da lavoura antigamente, fazia também bordado... e ficaram por um bom tempo realizando esta atividade... e agora, se apresenta ainda uma outra fase que é o trabalho para indústria, como eles mesmo dizem: “com carteira assinada”. Desde 1996, quando ela se instalou, absorve em torno de três mil funcionários... que acredito que em torno de 80 % destes, realizavam a atividade de bordado, em alguma de suas fases... bordadores e bordadeiras... o que agravou a situação dos bordados fazendo com que as comunidades foses perdendo esse vínculo com os bordados...
- Madson – E a tradição do bordado...
- Ésio – Está cada vez... mais decadente... a tradição do bordado...
- Madson – E o consumidor que procura por este tipo de produto... ele supervaloriza, não?
- Ésio – Claro... mas tanto na comunidade quanto pelo poder público nada tem sido feito para solucionar esta crise... principalmente do poder público... porque a comunidade não necessariamente ela tem que saber todos os tramites pra se associar, para ter um produto de qualidade, elas vem de um berço totalmente desvalorizado, desde o nascimento... de criança... eles começam... vamos dizer de pai para filho... quase que hereditário, mas absorve da própria mãe ou outro parente o jeito de fazer...cabe ao poder público levar os conceitos... não só de empreendedorismo, mas de qualidade... de crescimento, de preservação, da cultura... que é a nossa maior cultura... aqui no município, os bordados...
- Madson – Quando você fala de preservação, leva em consideração que deve haver também o desenvolvimento econômico?
- Ésio – Claro... os artesãos estão lá fazendo os bordados não só porque acham a coisa bonita, mas porque precisam de se manter...O desenvolvimento econômico é importante... não quer dizer que é o mais

importante... mas para os que são pobres... que hoje pouca parte da população... é que tem condição de montar uma pequena indústria de bordados... aqui, os bordados é sobrevivido por pessoas pobres, humildes... as comunidades são humildes... as da zona rural, principalmente são muito humildes... E é para isto que o bordado deve servir... o poder público deve investir.. como começou a ser investido em 2002, e agora está... vamos dizer assim, em segundo plano... esperando, aguardando agora novas ordens em relação a esse canal, que para a classe política seria até um canal de, eleitoreiro... porque gera votos... pois aproximadamente vinte mil pessoas... que a gente estima, pois o IBGE mesmo já se pronunciou com este contingente trabalham com o bordado aqui... isso é voto...politicamente, é voto...

- Madson – Fazendo um balanço superficialmente sobre o PRA-ITA, que foi um projeto que pretendia tanto preservar uma atividade, dos bordados, como cultura e fazer com que ele gerasse renda e um próprio negócio para os participantes... Você me diz o que?
- Ésio – Depois de praticamente quatro anos após o projeto... mas, a partir do momento que elas foram capacitadas jamais vão voltar a ser como era antes... a coisa ficou... o legado ficou, permaneceu... o que elas precisam por parte do empreendedorismo é de investimentos, não de saber gerenciar, pois isso elas já sabem... precisam de capital, são pessoas pobres... pelo fato do PRA-ITA ser uma ação da prefeitura de Itapajé... nós privilegiamos as classes inferiores... e as classes inferiores não em capital de giro.. no meu modo de entender, o que faltou ao PRA-ITA, e que não conseguimos chegar lá... porque terminou a gestão... foi associado a forma de economia solidária... formatar um banco... um banco entre elas... entre elas e a prefeitura... que hoje é a bola da vez... que seria um dos fatores que fariam que elas continuassem com o trabalho dos bordados... e pudessem gerir seu próprio negócio... mas tendo um investimento para crescer... esse era o projeto nosso... que não teve continuidade... porque, quando muda a gestão... mudam-se os projetos... O projeto pode estar funcionando perfeitamente, mas se muda a gestão...
- Madson – Você está falando da mudança de cargos políticos... prefeitura?
- Ésio – É... o novo gestor não quer a “cara” do gestor passado... quem é que sofre? A comunidade de baixa renda... principalmente a comunidade do PRA-ITA... à margem do processo político... quando elas mais precisam agora... esta seria a solução... uma ação solidária de grupos... onde a prefeitura pudesse financiar inicialmente um projeto... projeto de vida de cada grupo... com uma economia própria... se fosse possível, com sua própria moeda, por que não? Acontece em vários locais do mundo... comunidades com sua própria moeda...
- Madson – Mas o que eu vi, ainda hoje, na feira do bordado sujo é o escambo...
- Ésio – É... a troca do produto pela matéria-prima... e o escambo... é tão antigo... do início dos tempos.. da idade antiga... então, é complicado esta questão... porque quem sempre sai perdendo nessa troca é o artesão... bordador ou bordadeira, de classe inferior... mesmo porque aqui, os agenciadores... tem três vertentes... tem os agenciadores... que são os que vem comprar para revender... tem os vendedores de linho... e linha... que são grandes empresários... e tem o bordador ou a bordadeira de baixa

renda... Os dois primeiros, ganham... quem ganha mais é o atravessador... porque ele vende para Paracuru, Fortaleza, outros estados... sem o acabamento... compra peças de bandeja que chega a custar R\$ 0,25 (vinte e cinco centavos) e vende depois de acabado por um preço de talvez 1000% a mais...

- Madson – Mas há vários níveis de atravessadores...
- Ésio – Vários níveis... e em todos eles o artesão... é o mais prejudicado, que é quem fez a peça...o atravessador além de não produzir efetivamente nada, ainda explora o artesão... e a feira do bordado sujo... talvez, agora, com este senso... quando eu me referi aos produtos industrializados, é simplesmente um fato que a gente não pode deixar de considerar, porque um jogo americano... a média de preço é de R\$ 12,00 (doze reais)... a vida útil de um jogo americano industrializado de plástico, toda vez que suja é só passar um pano... praticidade... ele ta apto pra ser usado de novo... o bordado já requer outro... o bordado já chegou a ser agora, um produto da elite... só a elite compra e como a elite está decadente... nós não temos tantas pessoas tão ricas... nós vivemos numa concentração de dinheiro na mão de poucas pessoas e são essas pessoas que realmente compram ainda os bordados... O que é que se pode fazer? Exportar... Como vamos fazer? Primeiro, agregar os grupos daqui...
- Madson – Que, na última vez que estive aqui, vocês me mostraram um catálogo que seria para este plano de exportação...
- Ésio – Fizemos o catálogo e enviamos para vários órgãos aqui do Ceará... recebemos algumas encomendas... contatos externos... algumas vendas foram feitas... chegou o final do ano de 2005.. com a mudança e a transição do poder político... o projeto de exportação também ruiu... e acabou não sendo prioridade a questão das exportações também... Por quê? Elas beneficiavam poucas pessoas... diretamente, na visão de algumas pessoas, beneficiava poucas pessoas [ou pessoas pouco importantes]... Poucas, pois eram nove grupos que se transformaram em cinco grupos bem elaborados... a parte dos outros quatro que não aconteceram... foram aqueles que eu me referi que ruiu por causa do individualismo... do qual falei...
- Madson – Isso parece um retrocesso... não para o ponto de onde vocês iniciaram... mas...
- Ésio – Quando eu falo que jamais serão como antes [as artesãs] é por causa de um intelecto que elas absorveram... foram despertadas para uma outra realidade... saíram daquela situação rudimentar... estou falando da parte intelectual... para um nível mais superior... de pensamento sobre a própria gestão... sobre a qualidade daqueles produtos... mas, incontestavelmente, não podemos negar que o projeto teve muitas falhas... inclusive, na verdade, a equipe era diminuta para a dimensão...
- Madson – Para finalizar...
- Ésio – Na verdade, eu tenho um sonho... eu aprendi a gostar... do bordado, da cultura... da união que o bordado pode gerar, né? Daquela coisa familiar, daquela herança e pai pra filho... e eu tenho um sonho que é de que as visões, principalmente, de poder público que é fundamental no caso de comunidades pobres, que é o nosso caso... somos um município pobre... e a saída é que o olhar do poder público seja voltado para essas populações... É o sonho que eu tenho...

## 7.5

## ANEXO 05 - Cronologia dos bordados de Itapajé

Esta cronologia foi elaborada por Ésio Lousada, conforme consta na bibliografia e foram acrescentados alguns dados durante o desenvolvimento desta pesquisa.

- **1837** – Nesse ano, a história oficial de **Itapajé** começava a se iniciar. O missionário Frei Vidal da Penha percorreu, à época, quase todas as fechadas matas da região serrana, com a missão de evangelizar os nativos. Em todos os locais que passava, fincava cruzeiros, e ao redor delas, foram se desenvolvendo pequenos povoados. Um deles, o de **Santa Cruz de Uruburetama**, em **1842**, deu origem a este município, sendo posteriormente, elevado à categoria de Vila Constituinte e desmembrada de Fortaleza, Canindé e Itapipoca.
- **1859** – No dia 20 de julho deste ano, a sede da Vila foi transferida para a área compreendida entre as localidades de Santa Cruz e Riachão do Fogo, recebendo o nome de **São Francisco de Uruburetama**, atual **Itapajé**.
- **1875** – Nasceu, no dia 24 de julho deste ano, na localidade de **São Francisco de Uruburetama**, antes **Riachão do Fogo** e hoje **Itapajé**, o poeta e filho mais ilustre da cidade, Quintino Cunha, filho de João Quintino da Cunha e Maria Maximina Ferreira Gomes da Cunha, mais conhecida como Mamina, responsável pela aquisição da primeira máquina de costura para a cidade.
- **1883** – Em 2 de fevereiro deste ano, **Itapajé** entrou para a história como a segunda cidade cearense a abolir a escravatura, através de uma reunião na Igreja Matriz, com a presença dos senhores e senhoras de escravos, além do restante da população. Estiveram também presentes, os cidadãos José do Patrocínio, José Amaral, Te. Felipe de Araújo Sampaio, Izac Amaral, Antônio Martins, Antônio Bezerra e José Marrocos, membros da Sociedade Libertadora da Capital.  
**Obs.** Esta mesma comunidade de **Santa Cruz**, ainda no século XIX, revelou-se como a primeira cidade de Itapajé a lidar comercialmente com atividade artesanal, embora de forma bastante rudimentar. Os habitantes do lugar “herdaram”, de antepassados indígenas, a habilidade de desenvolver produtos de barro, como: potes, panelas, quartinhas, pratos e vários outros utensílios de uso caseiro. As técnicas de produção eram, evidentemente, precárias e havia, de concreto, uma pequena comercialização.
- **1925** – Aproximadamente nessa data, iniciava-se a história do bordado no município de Itapajé, quando **Odete Forte da Silva**, ainda muito jovem, aprendeu a costurar e a bordar à mão, na localidade de **Pitombeira**. Outra representante responsável por esse pioneirismo foi **Josefa Matos Vieira (D. Nenzinha)** na localidade de **São Miguel**, nas **décadas de 20 e 30**, tendo inclusive, as duas, assumido funções de verdadeiras professoras na região. Voltando a falar de D. Odete, verificou-se que suas funções começaram, quando aprendeu também *richelieu* e começou, o que se pode considerar o primeiro embrião na área comercial de bordados itapajeenses.

Porém, isso só aconteceu, concretamente, depois de alguns anos, em **1945**, após contatos de mercado com uma firma de Fortaleza, denominada **Mundica Paula**. A esta firma, eram mandados cerca de vinte lençóis de cama, a cada dois meses. Nessa época, os negócios cresceram bastante e D. Odete teve que se valer da ajuda de uma garota criada por ela, de nome **Zaira Góis Mota**, então com quinze anos de idade. Esta auxiliava no “agenciamento” de bordadeiras em várias localidades da região, principalmente na própria Pitombeira, no Serrote do Meio, Pedra D’água e Caxitoré. O falecimento de D. Odete, em **1969**, coincidiu com o fim das negociações com a firma Mundica Paula, porém, D. Zaira já tinha adquirido experiência suficiente para continuar com o empreendimento. Passou a negociar, então, com o **Sr. Marcos** da EMCETUR<sup>1</sup>, o que fez aumentar ainda mais a demanda por produtos de diferentes especificações, como colchas de cama, lençóis, toalhas de mesa e vários outros. Dentre as bordadeiras agenciadas, destacavam-se as irmãs **Maria do Carmo** e **Maria José**. Esta última, atualmente (2004), trabalha por conta própria com ponto de cruz e produtos de tapeçaria, inclusive, capacitando garotas para essas atividades e tornando-se, também, uma representante efetiva do artesanato na região.

- **1937** – Este ano, marca o início de **Alaíde Sampaio Pinto** em atividades artesanais, na localidade de **Santa Cruz**. Ela foi a primeira pessoa a lidar com artesanato comercial no lugar, aplicando ponto de cruz e crochê em almofadas e confeccionando varandas para redes, labirintos e tarrafas de cabelo, além de trabalhar, também, com algumas peças de bordado cheio à mão. Durante muito tempo, essa comercialização serviu de fonte de renda alternativa para sua família que vivia, exclusivamente, da agricultura e da criação de alguns animais. Os produtos de artesanato, no início, eram fáceis de serem comercializados, pois tudo era vendido sob encomenda para pessoas da própria região. Foi com a representação de D. Alaíde que a localidade de Santa Cruz despertou também para o bordado e que muitas artesãs começaram a atentar para esse tipo de atividade comercial. Atualmente, as irmãs **Maria Lucila Braga Araújo** e **Maria Silvânia Braga Araújo**, gerenciam um grupo de artesanato em Santa Cruz. Esse grupo foi formado no ano de **2000**, através do incentivo particular de um comerciante de nome **Henrique Aragão**, que procurava pessoas que trabalhassem aplicando bordado à mão e ponto de cruz em peças de confecção em geral, como em tecidos de brim, jeans, cotton, crepe e viscose. À época, havia muita ociosidade entre garotas adolescentes e mulheres adultas da localidade, que antes trabalhavam com bordados, mas sem nenhum tipo de organização. A iniciativa da criação desse grupo fez com que várias famílias melhorassem suas rendas, abrindo, inclusive, uma perspectiva de negociações futuras.
- **1938** – Nesta data, a cidade de **São Francisco de Uruburetama** conquistou, definitivamente, a categoria de município e, em 1943, um decreto estabeleceu a mudança do nome da cidade para **Itapajé**. Esse nome faz alusão a um monumento natural que se ergue no alto da serra, sob o formato de um “frade de pedra”.

---

<sup>1</sup> Central de artesanato e difusão da cultura popular

- **1950** – Segundo dados do Recenseamento levantados neste ano, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), **Itapajé** era apontada como cidade ascendente na área da agricultura, pecuária e silvicultura. Quase toda a população, ou seja, 92,23% trabalhavam neste setor. O artesanato, nessa época, ainda não era encarado, no município, como uma fonte de renda potencial.
- **1955** – Neste ano, duas mulheres podem ser destacadas como precursoras simultâneas do artesanato na localidade do **Camará**, são elas: **Júlia Coelho** e **Maria Oliveira Cavalcante**. Ambas trabalhavam bordando manualmente, mas confeccionavam produtos distintos uma da outra. Enquanto D. Júlia fazia bordados com ponto de marca<sup>2</sup>, em toalhas de mesa e roupas para recém-nascidos, D. Maria Oliveira fazia crochê em camisas de liquidificador e em botijão de gás, além de aplicá-los em pequenas toalhas de banho e de mesa. Esta última também fazia peças de varanda para redes de dormir. Apesar de, na época, encontrarem dificuldades em conseguir compradores para seus produtos, ambas sentiam-se gratificadas em trabalhar com artesanato, já que o pouco que arrecadavam, auxiliava em algumas despesas de suas casas. Depois dessas duas primeiras representantes, muitas outras mulheres do Camará começaram a despertar para o artesanato e, posteriormente, contribuíram para que essa localidade se tornasse um dos grandes centros de bordado, dentre os distritos da zona rural de Itapajé. Nessa mesma época, houve uma significativa mudança nos produtos, que nas décadas de **70 e 80**, apontavam para uma tendência de bordado cheio à mão em peças de cama, mesa e banho e as responsáveis por essa mudança, foram **Joaquina de Araújo Cavalcante** (filha de D. Maria Oliveira e mais conhecida como **Jarina**) e suas irmãs **Maria Linésia**, **Maria Lúcia** e **Francineuda**, além de outras representantes da comunidade de nomes **Lêda Barros** e **Maria Eulene Brito**. Posteriormente, com o aumento da demanda, o bordado passou a ser feito à máquina e as pessoas do lugar, começaram a aderir, também, a essas técnicas mais modernas de produção.
- **1957** – Nesta data, a jovem **Rita Soares da Silva**, então com treze anos de idade, começava suas investidas na atividade artesanal, junto com **Maria Hidelbrando** e uma parenta conhecida como **Fransquinha**, na localidade do **Serrote do Meio**. Como acontecia com quase todas as bordadeiras da região, aprendeu a bordar e era agenciada por D. Odete Forte, na Pitombeira. Em relação ao trabalho, acreditava que poderia negociar também com outras pessoas, pois tinha muita força de vontade para trabalhar e gostava muito de bordar. O que dificultava eram os meios de transportes deficitários da época, que não permitiam um deslocamento maior. Todas as peças eram bordadas à mão e os produtos eram ditados pela agenciadora, em artigos de cama e mesa. O dinheiro que ganhava bordando, servia para ajudar nas despesas corriqueiras do dia-a-dia e para algumas eventualidades domésticas. Depois de muito tempo e com o cansaço, resolveu largar o ofício e passar o legado para suas filhas de nomes **Maria José**, **Vanusa** e **Albaniza**, que com o auxílio da mãe, conseguiram comprar duas máquinas industriais e hoje (2004) representam, junto com **Maria da Penha de Sousa Teixeira** e **Francisca**

<sup>2</sup> Outra denominação para o ponto cruz.

**Eli Sousa Costa**, a atividade do bordado, no Serrote do Meio, produzindo as mais variadas peças, como: caminhos e toalhas de mesa e panos para bandejas. Esse distrito também conta com uma tecelagem na produção de redes, tendo como proprietário o **Sr. Ricardo Forte**. Estas, inclusive, têm muita aceitação nas feiras realizadas dentro e fora do município.

- **1958** – Nesta data, se iniciaram como agenciadoras de bordados na **sede de Itapajé**, as Sras. **Nívea, Eunícia e Safira**. Todos os produtos que eram feitos pelas bordadeiras da cidade eram, necessariamente, comprados por elas, até mesmo pela indisponibilidade desses produtos serem vendidos a outras pessoas. Posteriormente, juntou-se a elas, a Sra. Leônidas Ávila que, indiscutivelmente, foi a que mais contribuiu de uma forma efetiva para o engrandecimento da atividade de bordados no município.
- **1961** – A partir desse ano, o bordado comercial, especificamente na **sede de Itapajé**, começava a ser intensificado. Esse momento coincidiu com a ida de **Leônidas Cordeiro Ávila** aquele município, levando consigo, vontade de trabalhar e de crescer em uma atividade de comércio ainda restrita e de pouca presença no município. Ela já havia adquirido experiência, prestando seus serviços para empresas de Fortaleza, como: **Irmãos Ary, Mundica Paula e Nívea Dutra**. Esta última era de propriedade de uma prima sua de mesmo nome da empresa, e que acabou por se tornar a sua maior parceira comercial durante alguns anos, tendo depois, as duas, se separado em busca de mercados individuais. Foi aí, que D. Leônidas resolveu se estabelecer comercialmente em Itapajé. As dificuldades encontradas foram muitas, já que não havia mão-de-obra especializada e tudo ainda tinha que ser ensinado às bordadeiras, que até então, não tinham noções claras de produção e comercialização de seus produtos. Contudo, os compromissos eram fáceis de serem cumpridos, pois a demanda ainda era muito pequena. Para se ter uma idéia concreta desse fato, é importante lembrar que D. Leônidas começou o seu empreendimento com precisos cinco metros de cambraia para fazer bordados em peças para recém-nascidos. Depois, com o aumento dos pedidos, a produção também cresceu em um processo gradativo, sendo necessária, porém, uma maior diversificação dos produtos que passaram também para acessórios de cama, mesa e banho, tudo bordado manualmente. Nesse momento, o sucesso desse empreendimento já podia ser comprovado por uma demanda cada vez mais crescente. Houve, portanto, a necessidade de se incrementar máquinas industriais à produção, com a finalidade de viabilizar o serviço e atender os constantes pedidos, que vinham de Estados, como: **Bahia, Recife, Piauí, Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Nesta época, a firma já estava devidamente legalizada sob o nome de **Leônidas Bordados**. Começaram a surgir, então, alguns concorrentes e, mesmo assim, uma acentuada melhoria nos negócios, afinal, a partir daí, Itapajé começou a ser encarado como um referencial na atividade dentro do Estado.
- **1962** – Este ano, marcou o início da localidade de **Pedra D'água** no comércio de bordados, principalmente com a ação de **Lúcia Gomes dos Santos**, que levou a prática dessa atividade para esse distrito. Como aconteceu com as primeiras bordadeiras do Serrote do Meio, ela também aprendeu a bordar e era agenciada por D. Odete, da localidade de Pitombeira. Começou com apenas sete anos de idade, junto com suas

irmãs de nomes **Leonora** e **Terezinha** e produziam bordados à mão em bandejas, lençóis, produtos para recém-nascidos e outros. Era um tempo difícil, principalmente pela dificuldade de locomoção. No início, D. Lúcia não tinha grandes expectativas em ganhar dinheiro e fazia artesanato para passar o tempo. No entanto, como os produtos eram feitos caprichosamente e bem aceitos, a remuneração era apenas uma consequência do bom trabalho desenvolvido. Após vinte anos de agenciamento de D. Odete, ela resolveu trabalhar sozinha e estabeleceu contatos com uma senhora conhecida como **Leninha**, em Fortaleza. Começou aí, uma parceria que perdurou por muitos anos, permitindo que todas as peças produzidas na Pedra D'água, fossem coletadas por D. Lúcia e enviadas à capital. Dando continuidade a história do artesanato nessa localidade, verificamos que em **1982**, a jovem **Maria Lúcia Silva Sousa**, mais conhecida como **Lucila**, resolveu colocar em prática os ensinamentos artesanais de sua mãe **Miguelina Silva** e de sua tia **Leonísia Mendes** e trabalhar por conta própria, com peças de macramé e crochê, comercializando com pessoas da própria região. Depois de pegar prática também em negociação, começou a confeccionar produtos ainda não conhecidos na localidade, como: pedrarias, bonecas e artesanato em madeira. Este último em parceria com seu esposo **Daniel**. Ambos sempre viveram do artesanato, construindo, inclusive, sua casa sob a denominação de “**Casa do Artesanato**”, nome este, estampado com letreiros na fachada da residência. Lucila sempre teve consciência de que, com capacitação e com a associação de todos, seria bem mais fácil transpor as adversidades. Participou de muitas dessas capacitações, sentindo-se estimulada até para organizar algumas Feiras de Artesanato por conta própria, como aconteceu em **1999** e **2000**, apoiada pelo Sebrae, expondo produtos de Itapajé e da zona rural, e, em **2001**, com apoio da Prefeitura Municipal e do Sebrae, com o nome de “**O Sertão Mostra Sua Arte**”. A partir do final do ano de **2002**, Lucila começou a trabalhar no ramo de confecções, vendendo suas peças em toda a região (Itapajé, Umirim e Sobral) e a uma conhecida empresa de Fortaleza: Vieux Gitan.

Observação sobre este item - Esta pequena comunidade de bordadores foi localizada por acaso, numa visita que fiz à Tejuçuoca, em jan./2005 quando fui conhecer o Projeto “Tecnomoda no Semi-árido”. Esta experiência se deu a partir da divulgação da experiência do PRA-ITA, na qual grupos organizados de artesãos se uniram para uma intervenção direcionada no processo e no produto de artesanato bordado e em brinquedos infantis. As fotos expostas logo acima mostram este grupo produzindo para a indústria de confecção de Fortaleza, dando um “toque” de nostalgia, ao bordar a mão, as peças do vestuário originários da indústria.

- **1964** – Essa data marca o início de **Iratinga**, mais conhecida como **São Miguel**, na atividade comercial do bordado, principalmente com a participação de **Maria Sulamita Vieira Araújo**, **Maria Genésia Matos Araújo** e **Luzanira Matos Araújo**. Antes, como já fora citado, nas décadas de 20 e 30, a localidade já tinha uma representante efetiva do bordado não comercial, a **Sra. Nenzinha Vieira**. Em relação a **D. Sulamita**, verificou-se que ela resolveu colocar em prática os ensinamentos que recebeu durante a sua juventude e ir em busca de mais

uma alternativa de trabalho e ganhos para a família, especificamente com aplicação de bordados em enxovais de noivas e em peças para cozinha. O negócio revelou-se um sucesso e suas peças eram vendidas em várias cidades do Ceará e, posteriormente, até para outros Estados, como: **Bahia, Maranhão e Piauí**, além do **Rio Grande do Sul**, em menor escala. Para essa comercialização eram necessárias 170 bordadeiras, agenciadas por D. Sulamita, que faziam do bordado, uma fonte de renda para suas famílias. Em relação a D. Genésia e D. Luzanira, elas também trabalhavam com suas próprias bordadeiras, só que com outros tipos de produtos: redes, colchas de cama, toalhas de mesa, caminhos de mesa, dentre outros. Estas trabalhavam em sociedade e iniciaram na atividade, em **1966**, agenciando mulheres da região para a atividade, o que contribuía ainda mais, com a melhoria das condições de vida daquela população.

- **1965** – Aproximadamente nesta data, a **Sra. Aleluia Martins** começou sua trajetória comercial do bordado cheio à mão, na localidade do **Barateiro**. A sua missão era de agenciar pessoas da comunidade para bordar em determinadas peças, que seriam vendidas em Fortaleza, na EMCETUR, para duas compradoras conhecidas como **Maria Cleide e Suzete**. Executava vários produtos, dentre eles: toalhas e caminhos de mesa, lençóis, e panos de bandejas. Na época, trabalhava com ela, uma das primeiras bordadeiras da região, conhecida como **Maria do Galego** e, posteriormente, **Rita Soares Patrício**, já no final da década. Toda a renda conseguida com a venda dos bordados servia para que D. Aleluia comprasse mais matéria-prima e para que seguisse o seu empreendimento com sucesso. A partir dessa época, começou a atentar para a atividade, o que causou grande demanda de mão-de-obra entre as mulheres do lugar. Uma dessas mulheres a encarar o bordado como fonte alternativa de renda foi a própria sobrinha de **D. Aleluia**, de nome **Salomé Martins**, no início da **década de 70**. Foi ela que, inclusive, adquiriu a **primeira máquina industrial de Barateiro**, com a finalidade de incrementar a produção, já que era notoriamente crescente. Juntou-se a **Salomé Martins**, a **Sra. Francisca Rodrigues de Sousa**, que ainda trabalha com bordados e, atualmente, é a principal agenciadora dessa localidade.
- **1970** – Este ano, marca o início de **Maria Madalena Ribeiro Paz**, mais conhecida como **Maria Boa**, na comercialização de bordado cheio à mão e ponto de cruz, na localidade de **São Joaquim**. Esse início coincide com o falecimento de seu esposo, que era agricultor e plantava algodão, na época, uma atividade ainda lucrativa para as famílias da região. Sem muitas perspectivas e sem experiência na agricultura, D. Maria Boa resolveu colocar em prática o artesanato aprendido com seus antepassados e comercializar os bordados. Comprava o material necessário em Itapajé, confeccionava algumas peças e viajava à Fortaleza para negociar com clientes da **EMCETUR** e do **Mercado Central**. Quando a demanda aumentou, ela ensinou a várias garotas da região a arte de bordar, tornando-se agenciadora e configurando-se como a principal representante da atividade, nas localidades compreendidas entre o Juá, Forquilha e Miranda. Com isso, ganhou mercado e chegou a comercializar seus produtos até para fora do Estado, mais precisamente para o Rio de Janeiro, contribuindo para incentivar, ainda mais, o espírito dessa atividade em várias pessoas da região.

- **1971** – Na administração do **Prefeito Roque da Silva Mota** (1971 – 1972), aconteceu a **Primeira Feira Municipal de Bordados** que se tem notícia, com a participação, inclusive, da firma da Sra. Leônidas Ávila e de várias outras bordadeiras de Itapajé.
- **1971** – Essa data, marca o início de **Maria Bioso** nas atividades com bordado na **sede de Itapajé**. Esse fato aconteceu, aproximadamente, no final de **1970** para o início de **1971**. A sua trajetória é de suma importância para a história do artesanato no município, pois ela vem galgando importantes funções nessa atividade, desde que iniciou a atividade. Esse começo, aconteceu por intermédio de **D. Nivinha**, que trabalhava, à época, na firma de D. Leônidas. Nesse período, as peças eram aplicadas à mão e era comum se utilizar muito bordado por cada uma, o que fazia encarecer o produto final, além de destinar uma demora acentuada para se aplicar em todas elas. O aspecto bom de tudo isso, é que se trabalhava com vários tipos de produtos, ou seja, não havia uma linha mais aceita que a outra. No entanto, o mercado se abriu, de verdade, para Maria Bioso quando ela começou a desenhar os riscos para D. Leônidas, o que executava de forma bastante satisfatória. Depois de algum tempo, já na primeira gestão do **Prefeito Batista Braga**, D. Maria foi convidada pela, então primeira-dama do município **Luizinha Braga**, para desenhar os riscos, naquela que seria a primeira cooperativa de bordados de Itapajé a **COOPARTI – Cooperativa dos artesãos de Itapajé**. Depois de passados alguns anos trabalhando nessa instituição e juntando as funções de desenhista e bordadeira, ela assumiu também o papel de Presidente da cooperativa, à frente da qual, sempre participou das feiras específicas do ramo de bordados e mantém uma parceria com a **CEART**<sup>3</sup> de Fortaleza, que faz pedidos mensais de cerca de três mil peças.
- **1973** – Na administração do **Prefeito Luiz Saraiva** (1973 – 1976), foi idealizada a construção de uma cooperativa de artesanato, que depois, na primeira administração do **Prefeito Batista Braga**, passou a se chamar COOPARTI. Essa medida tinha como base organizar a crescente demanda na atividade do bordado em Itapajé.
- **1977** – Na administração do **Prefeito Francisco Chaves Bastos**, mais conhecido como **Dr. Ary** (1977 – 1982), foi construído um galpão no centro da cidade, que serviria para a venda de produtos por parte dos feirantes da região, inclusive, para o escoamento de alguns produtos feitos por artesãos da sede e da zona rural. Até nos dias atuais, são vendidas, no local, peças em couro confeccionadas à mão, como: acessórios e utensílios para animais, chinelos, chaveiros, dentre outras. Foi, também, nesse governo, construída a **Praça do Jauro**, que há vinte anos serve de espaço para a “**Feira do bordado sujo**”<sup>4</sup>, beneficiando várias famílias que a utilizam para trocar e vender peças de bordado inacabadas.
- **1982** – Nesse ano, as bordadeiras de menor poder aquisitivo, começaram a negociar seus produtos na Praça do Jauro, em meio a **Feira Livre de Itapajé**. No início, o acúmulo de pessoas para comprar e vender produtos era muito grande advindos de toda a região, o que fez com que durante

<sup>3</sup> Central de Artesanato. Local onde reúne artesanato produzido em todo o Ceará para ser revendido a turistas que visitam Fortaleza. É uma iniciativa ligada ao Governo do Estado do Ceará.

<sup>4</sup> Feira popular onde os bordados são comercializados com baixa qualidade técnica. Sobre este assunto, dediquei um espaço maior para descrever este fenômeno no capítulo 4.

certo tempo aquele espaço se tornasse uma alternativa considerável para negociações envolvendo a atividade do bordado. No entanto, a crescente demanda e a perda de identidade qualitativa do produto, desvirtuou o objetivo final daquele, que era o de beneficiar os representantes menos abastados do bordado na cidade. Vale salientar, que não houve nenhum incentivo de governantes municipais para que a feira fosse instaurada. Tudo foi feito por obra e pela necessidade das pessoas que trabalhavam com bordado na época, ou seja, foi uma manifestação intimamente popular. Atualmente, a “Feira do Bordado Sujo”, como ficou conhecida, não expressa mais a necessidade de se ter em Itapajé um lugar onde possam ser feitas comercializações entre os agentes do processo, mas sim contribui para a decadência do bordado no município, já que os produtos vendidos nessa área são de baixa qualidade, além de não passarem totalmente por todos os processos de produção (são inacabados).

- **1989** – No primeiro mandato do Prefeito **João Batista Braga** (1989 – 1992), iniciou-se um programa de capacitações e oficinas que incluíam o artesanato e a culinária regional, dentre outras atividades. Houve, também, um maior incentivo para a criação da **Associação das Bordadeiras** e da COOPARTI, que finalmente aconteceu em **1991**, com empenho efetivo da Primeira-Dama do município, **Maria Luíza M. da Silva Braga**. Outra medida concreta dessa administração foi o financiamento para vários grupos de bordadeiras, para que, com o dinheiro, elas comprassem a matéria-prima (tecido e linha) necessária para a produção. Além disso, essa administração foi responsável, também, pela aquisição do terreno e o início das obras de construção do Terminal Rodoviário, onde atualmente (2002) funcionam as feiras de artesanato mensais do município.
- **1993** – Na administração do **Dr. José Cristóvão Cruz** (1993 – 1996), foi concluído o Terminal Rodoviário, que recebeu o nome do Dr. Luiz Forte da Silva, e realizada, em suas dependências a **I Feira de Bordados de Itapajé**, desde a administração do **Prefeito Roque Silva Mota**. Foram realizadas também, dos dias 8 de março a 31 de maio de **1995**, uma série de reuniões com o objetivo de “**Revalorização do Bordado em Itapajé**”. Estiveram presentes, representantes da COOPARTI, AMPEBI, SEBRAE, CDL e várias lideranças de produção de bordados na cidade, além do Prefeito Municipal e alguns assessores.
- **1996** – Neste ano, foi construído, no Distrito do **Camará**, um galpão que serviria de Centro de Produção para as bordadeiras da localidade. Esta iniciativa partiu do Governo do Estado, através do Projeto São José, que doou máquinas e matéria prima para os artesãos que quisessem investir esforços na atividade do bordado. O projeto beneficiou, na época, cerca de cinquenta integrantes da Associação de Desenvolvimento Comunitário do Camará. Atualmente (2004), trabalham no local, vinte e duas bordadeiras, que fazem deste galpão um ambiente de desenvolvimento profissional e financeiro.
- **1997** – Nesta data, foi instalada em Itapajé, a Fundação Caixa do Povo. Era um programa estatutário de uma organização não governamental e consiste em viabilizar ações de micro-crédito para pequenos empreendedores, às quais, só têm direito ao benefício, quem se associar a mais quatro pessoas e, com elas, assumirem o compromisso de quitarem a dívida, em noventa dias, mediante parcelas quinzenais. Em Itapajé, já

foram beneficiadas cerca de 570 famílias, da sede e dos distritos, sendo que a maior parte dos negociadores advêm do ramo de bordados (cerca de 70%).

- **1999** – No dia 5 de março deste ano, através da **Lei Municipal de nº. 1.343**, a Prefeitura de Itapajé, na administração do **Prefeito Batista Braga**, em conjunto com o Banco do Nordeste, lançou um programa que criava o **Fundo de Desenvolvimento Econômico**. Este programa objetivava o financiamento de máquinas industriais para os artesãos do município. Desde sua criação, já foram atendidas mais de 149 famílias.
- **2000** – No início dessa década, o **SEBRAE** desenvolveu um Programa de Qualidade e Desenvolvimento do Bordado de Itapajé, que se referia a uma proposta de organização do setor produtivo no município, propondo determinadas ações, como: garantia de qualidade dos produtos, intensificação do marketing, articulações organizadas de financiamento, expansão de vendas e de distribuição, fomentação do associativismo e profissionalização da mão-de-obra. O SEBRAE, através deste programa, incentivava também, a criação do selo **“Padrão de Qualidade de Itapajé”**.
- **2002** – Em maio deste ano, foi feito um **Diagnóstico Qualitativo do Bordado de Itapajé** (ANEXO 05), encomendado pela Prefeitura Municipal, sob a administração do Prefeito Batista Braga. A responsável pela elaboração foi a Consultora de Moda **Germana Fontenelle**, professora da Universidade Federal do Ceará – UFC, vinculada ao curso de Estilismo e Moda. Este Diagnóstico trata de assuntos relacionados, especificamente, aos produtos bordados à mão e à máquina e, serve de análise para a questão da importância do associativismo, da qualidade dos produtos, das feiras municipais, além de tratar da própria realidade das empresas formais e informais, que trabalham com essa atividade, dentro do município.
- Em agosto deste mesmo ano, a Prefeitura Municipal de Itapajé, por iniciativa e incentivo da Primeira-Dama, **Luizinha Braga**, lançou o **PRA-ITA: Projeto de Revitalização do Artesanato de Itapajé**, que tinha por objetivo responder positivamente ao diagnóstico Qualitativo do Bordado. Para coordenar as ações, foi contratada a Consultora de Artesanato **Maria Sônia M. Pinho**, residente em Belo Horizonte, que montou uma equipe de apoio formada por **Iara Braga** (aluna de Estilismo e Moda, à época), **Virgínia Viana** (Estilista) e **Ésio Lousada** (Sociólogo). A intenção desse Projeto foi cadastrar os artesãos do município e dividi-los em grupos para qualificar a mão-de-obra já existente no município, através de cursos de capacitação na área, além de fazer um acompanhamento estreito às equipes formadas, tanto na sede quanto na Zona Rural. O trabalho consistia numa intensa melhoria na qualidade dos produtos, dando ênfase aos aspectos culturais e regionais de cada grupo e despertando-os para uma visão determinantemente empreendedora<sup>5</sup>.
- No dia 7 de setembro de 2002, a Prefeitura Municipal de Itapajé, através de sua Assessoria Turística representada pelo Bacharel em Turismo **Sidicley Graciano**, programou o Projeto **“Barracão do Artesanato”**, que consistia em um espaço cedido pela Prefeitura e situado em frente ao

<sup>5</sup> No capítulo 4, fiz uma análise sobre os bordados, através da pesquisa realizada em Barateiro.

Terminal Rodoviário Dr. Luiz Forte da Silva, na BR-222. Nesse espaço, eram possibilitadas as negociações de visitantes e turistas sem a ação de atravessadores. Lá, ainda hoje, são vendidos produtos de diferentes tipologias artesanais e os artesãos envolvidos deveriam passar pela capacitação do PRA-ITA. Em **23 de dezembro de 2002**, foi criada uma extensão do “Barracão do Artesanato” na localidade do **Barateiro**, com o apoio da **Secretaria Municipal da Assistência Social** e do Projeto de Revitalização do Artesanato.

- Ainda neste ano, instalou-se em **Itapajé** a Empresa **Partner Comercial**, que é distribuidora exclusiva do **Linho Tomás Pompeu Extra** em toda região. A loja fica situada estrategicamente na Praça do Jauro, onde também acontece a “Feira do Bordado Sujo”.

## 7.6

**ANEXO 06 - Diagnóstico qualitativo do bordado de Itapajé /CE**

Este relatório foi elaborado pela professora Germana Fontenelle e fornecido uma cópia pela mesma, para constar nesta dissertação.

**ELABORAÇÃO: GERMANA FONTENELLE**

**FORTALEZA / CEARÁ**

**MAIO/2002**

## **DIAGNÓSTICO QUALITATIVO DO BORDADO DE ITAPAJÉ**

O presente Diagnóstico trata-se de uma Análise Qualitativa da atividade do Bordado da cidade de Itapajé no estado do Ceará.

Segundo relato de pessoas da comunidade de Itapajé percebe-se uma espécie de saudosismo quanto ao “status” do bordado desta localidade no passado, não só no nosso Estado, bem como no Brasil. Itapajé já foi considerada *o berço do bordado do Ceará*, muitos atribuem esta queda ao fato da existência da Feira do Bordado Sujo, segundo depoimento de empresárias locais, em uma das reuniões convocadas para discutir sobre a situação do bordado relata que: *a feira acabou com o bordado de Itapajé*, portanto esta é a visão da grande maioria dos empresários do setor.

Este fato não é novo na história das Confecções no Brasil, não poderia ser diferente no Estado do Ceará e em especial em Itapajé. Percebemos este mesmo processo na Indústria de Confecção de Peças do Vestuário de Fortaleza, no início da década 90. Anteriormente tudo que se confeccionava vendia-se, lei da oferta e da procura, contudo com o processo de Globalização presente no mundo, esta lógica foi alterada, provocando mudanças sociais e econômicas, a época do imprevisto, da falta de profissionalismo e qualificação já passou, embora para muitos não tenha passado estando estas empresas a margens dos benefícios da modernidade.

Hoje em dia grandes empresas nacionais estão trabalhando em cima do **Design**, que significa *projetar* tendo em vista a *funcionalidade*, e os padrões *estéticos* vigentes e os meios necessários para produção de bens que sejam adequados às necessidades do consumidor. A empresa que trabalha com o **Design** não perde de

vista o mercado, seu ponto alvo. Temos que criar produtos modernos, contemporâneos, utilizando as nossas potencialidades de mão de obra, com alta sensibilidade e habilidade, tem que aperfeiçoar o nosso **artesanato**, inovando-o, modernizando-o sem, no entanto, perder de vista suas características artesanais.

Encontramos em Itapajé produtos de cama, mesa e banho, os chamados “Têxteis Lar”, bordados à mão e à máquina. Os tecidos mais usados são: o Linho, Percal, Brim, Tecidos mistos, cotelene, cetim, Java, percalen, supertone, atalhados, dentre outros.

Percebemos durante o período de observação e conversa com bordadeiras e empresárias do setor, basicamente três diferentes realidades com relação aos produtos bordados à mão e à máquina:

- a) Empresas com produtos de boa qualidade, boa estrutura de trabalho, com pouca ou nenhuma inovação, mas, com grande potencial para melhorar;
- b) Empresas com produtos de qualidade razoável, com razoável estrutura de trabalho para desenvolver um bom trabalho, mas também sem inovação.
- c) Pouca participação e desmotivação das empresárias da associação nas reuniões;
- d) Bordadeiras da feira do bordado sujo com produtos de baixíssima qualidade, tanto com relação à matéria prima quanto à inovação, todo mundo faz a mesma *coisa*, desenho, pontos e tipos de produtos são semelhantes.

## **REALIDADE E RECOMENDAÇÕES:**

### **BORDADO SUJO**

Recomendamos realizar um cadastro das bordadeiras do bordado sujo, para posterior trabalho de capacitação e qualificação com as mesmas. Cadastramos 13 bordadeiras, para conhecê-las e sentir sua realidade.

Das pessoas entrevistadas 100% eram mulheres, sendo que: 40% estão na faixa etária entre 21 a 36 anos, 46 % tem entre 40 e 50 anos e 23% tem mais de 50 anos. O tempo em que as mesmas se dedicam a esta atividade varia de 3 a 30 anos.

Com relação ao produto encontramos no *bordado sujo* (significa aquele bordado que não foi acabado) aquele. Sendo que predomina o bordado à máquina. A matéria prima principal utilizada é o tecido de linho (Thomas Pompeu) que na realidade de linho não tem quase nada, de péssima qualidade e a linha, utilizam diferentes marcas de preço mais acessível (sol, sol matizada, belga, bel, magna, etc.) mistas ou 100% algodão, dificilmente utilizam a linha música que é de qualidade superior às demais.

Quanto aos desenhos encontramos os morangos, os miosótis (branco e em cores) e as margaridas. Os tipos de pontos são: o ponto cheio, ponto crivo, sombra, bainha à mão. O bordado apresenta falhas, ponto muito apertado, excesso de linha, peças com manchas, sem as terminações( podendo ser de bainha, cordão ou crochê) e sem acabamento final. (remoção da tinha do risco, sem lavar, sem colocar no grude e sem passar).

Os produtos mais encontrados foram: os caminhos de mesa, pequenos (um metro) e grande (com dois metros), toalhas de mesa (retangular e redonda), lavabo (que elas chamam de pano de mão), algumas toalhas de banquete, de bandeja e colcha de cama.

Com relação à comercialização elas relataram que em época boa conseguem vender 150 caminhos de mesa e cerca de 200 bandejas por semana. Os produtos são vendidos além da feira do bordado sujo, no mercado central de Fortaleza, na feira da Sé, na Beira-Mar e na Monsenhor Tabosa.

As entrevistadas demonstraram muito interesse em realizar cursos que possam melhorar o seu trabalho.

#### RECOMENDAÇÕES:

1. Qualificar as bordadeiras e formar grupos por tipos de bordados;
2. Os bordados devem ser melhorados com relação aos seguintes pontos:
  - No Design – fazer produtos projetados de acordo com os princípios básicos do Design. Sugerimos os seguintes cursos, workshops, etc.: Introdução ao Design (cor, textura, forma, etc.), Criação e Planejamento de Coleções e Desenvolvimento de produtos.
  - Qualidade dos materiais;
  - Qualidade dos pontos (do bordado em si), sugere Curso de Aperfeiçoamento de bordados, para os diferentes tipos de bordados;
  - Padronização das medidas dos produtos;
  - Assessoria permanente nesta área de um Design de Moda. (Estilista)
3. Treinamento e Assessoria:
  - Treinamento em Gerenciamento e Empreendedorismo;
  - Assessoria permanente até que os grupos se tornem autônomos;
4. Comercialização:

Sugerimos que a Prefeitura Institucionalize a *Feira do Bordado Sujo*, colocando-a em local apropriado, com estrutura adequada e acrescentando as comidas típicas e outros produtos artesanais de Itapajé. Podendo entrar também nesta feira empresas locais e que seja dado todo suporte técnico necessário, para tanto deverá ser elaborado, um projeto a ser realizado em médio prazo. Recomendamos um projeto em parceria com a Universidade Federal do Ceará, curso de Estilismo e Moda e a Prefeitura de Itapajé.

Outra sugestão seria a Prefeitura criar a Central de Artesanato de Itapajé, onde seria vendido em um só lugar, mas sob controle de qualidade, todos os tipos de artesanato local.

Introduzir a feira no calendário turístico do Ceará, transformando-a em atração turística da cidade de Itapajé.

Criar um selo, ou uma etiqueta de qualidade do bordado (ou do artesanato em geral) de Itapajé, que seria aprovado dentro de padrões pré-estabelecidos.

### **ASSOCIAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE BORDADOS E CONFECÇÕES DE ITAPAJÉ (AIBCI):**

A Associação das Indústrias de Bordados e Confecções de Itapajé conta atualmente com cerca de 21 empresas, destas foram aplicados 07 questionários a fim de coletarmos dados para realizar um diagnóstico qualitativo da situação do bordado local.

Todas as entrevistadas trabalham em geral com cama, mesa e banho, caracterizando assim a indústria local neste setor de Têxteis Lar. A matéria prima básica utilizada já foi relatada no início do diagnóstico e a linha mais usada é a Música, que tem uma boa qualidade. Os produtos são: jogos para cozinha, toalhas de mesa, caminho de mesa, jogos americanos, toalhas de banho, redes de brim bordadas à máquina, jogos de cama, dentre outros.

A Criação dos riscos, geralmente fica a cargo da proprietária, onde realizam pesquisas em revistas e com os fornecedores retiram de álbuns. Os pontos mais utilizados são aplicações, ponto cheio (à mão e à máquina), meio ponto, ponto alto e apenas uma trabalha com o ponto cruz (tem cerca de 60 bordadeiras) e três trabalham com o crochê.

As principais dificuldades apontadas pelas empresárias foram as seguintes:

1. Capital de giro;
2. Encontrar tecido de qualidade;
3. Mão de obra qualificada para o bordado à mão;
4. A padronização dos bordados;
5. A feira do bordado sujo;